



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DEPARTAMENTO DE
CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA**

JULIANA CARLA GOMES DA SILVA

O Projeto de Lei N° 4186/2012: em cena a atuação da biblioterapia

João Pessoa
2016

JULIANA CARLA GOMES DA SILVA

O Projeto de Lei N° 4186/2012: em cena a atuação da biblioterapia

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em
Biblioteconomia do Centro de Ciências Sociais
Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba
como requisito à obtenção de grau de Bacharel.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Joana Coeli Ribeiro Garcia

João Pessoa
2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586p Silva, Juliana Carla Gomes da.
O Projeto de Lei N° 4186/2012: atuação da biblioterapia em cena /
Juliana Carla Gomes da Silva. – João Pessoa, 2016.
62f.: il.

Orientador: Prof^a. Dr^a Joana Coeli Ribeiro Garcia.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)
– UFPB/CCSA.

1. Biblioterapia. 2. Projeto de Lei N° 4186. 3. Atividades lúdicas
como terapia. 4. Biblioterapia hospitalar. 5. Prática biblioterapêutica.
I. Título.

UFPB/CCSA/BS
02(043.2)

CDU:

JULIANA CARLA GOMES DA SILVA

O Projeto de Lei N° 4186/2012: em cena a atuação da biblioterapia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção de grau de Bacharela.

Aprovada em 02/12 / 2016.

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Joana Coeli Ribeiro Garcia
Universidade Federal da Paraíba | Orientadora

Prof.^a Dr.^a Edna Gomes Pinheiro
Universidade Federal da Paraíba | Examinadora

Prof.^a Dr.^a Eliane Bezerra Paiva
Universidade Federal da Paraíba | Examinadora

Dedico a toda minha família por todos os momentos desde o início do curso até a conclusão. Em especial a minha Vó Emília (in memoriam) que me ensinou a ter garra e determinação na vida. Aos meus pais Albanis e Antônio por serem a base do ser humano que sou hoje, pelos seus esforços em me apoiarem dentro de suas possibilidades em todas as minhas decisões. A Adriano pelo companheirismo, amor e dedicação a mim desde o início do curso como apenas namorado e o término como meu esposo.

AGRADECIMENTOS

É com emoção e com o coração grato a Deus por mais uma etapa vencida. Obrigado Deus por ter me capacitado em cada linha, cada detalhe para montar este Trabalho de Conclusão de Curso. Agradecida sou por todas as vezes que me ouviu, me orientou e pelo fortalecimento através do livro Sagrado. Hoje estou mais convicta que tudo posso, pois, o Senhor é comigo por onde quer que eu ande. A ti seja todos os meus dias e a maior parte da minha dedicação.

Aos meus pais, Albanis Gomes e Antônio Pereira, minha origem de quem tanto me orgulho. O senhor meu pai, com seu trabalho árduo foi capaz de me fazer valorizar tudo que eu possuo no momento. Obrigado por tudo que fez por mim, nunca esquecerei. A senhora minha mãe, muito obrigada por se sacrificar para me ver bem. Espero retribuir da melhor forma possível, e ser um dos orgulhos de vocês. A minha eterna Vó Emília (in memoria) de quem tenho muitas saudades. Mesmo não estando entre nós sempre a admirei pela sua garra e determinação. Guardo-a no lugar mais bonito do meu coração.

Ao meu esposo Adriano Floriano, uma das minhas maiores admirações. À você todo o meu agradecimento por todos esses anos ao meu lado me incentivando, vibrando com minhas conquistas e fazendo parte das minhas decisões. Obrigado por todas suas renúncias para me beneficiar. Você é parte de mim, por isso, essa conquista é nossa.

Dedico aos meus irmãos Janice, Alisson, Anderson e Alana pela preocupação, compreensão e cuidado para comigo, saibam que aprendo muito com o jeito de cada um de vocês. Meus sobrinhos Jaiane, Samara, Keyte, Caio, Bianca e Davi. Espero ser o exemplo necessário para a educação de cada um. Amo muito vocês.

As minhas amigas Paula Santos e Suênia Rolim, pela cumplicidade e pela força que me dão até hoje e sempre. Minhas amigas desde infância onde carrego no coração e defendo com muito amor e garra. Agradeço em especial a você Suênia, por ter sido a pessoa que me incentivou e foi até o final comigo para entrar na UFPB. Você é parte desta conquista, gesto como o seu não poderei esquecer jamais, pois, está gravado no meu coração.

Ao Plenitude, grupo de dança na qual faço parte, meninas vocês são minhas joias preciosas. Deus abençoe vocês Amanda Domingos, Amanda Duarte, Suzana Correia, Iasmym Nicacio, Mayane Coutinho, Paula Santos e Suênia Rolim.

Não poderei esquecer a empresa Rodoviária Santa Rita, por toda ajuda e auxílio no decorrer dos meus estudos. À direção na pessoa de Sr. Antônio Marinho que em inúmeras vezes permitiu minhas saídas em prol da universidade me ajudando no crescimento profissional.

Agradeço de coração a todos da minha turma 2011.1 por todos esses anos de caminhada, de agonias, risos e superação. Por todos os momentos que passamos juntos eu só tenho a agradecer. Agradeço em especial a um amigo, irmão e padrinho do meu casamento Aldemy Bezerra. Meu colega que virou amigo confidencial durante esses anos de formação. Agradeço a Deus pela sua vida, por todos os momentos compartilhados, pelos trabalhos, exercícios realizados, pela correia nos estudos e pela parceria na vida. Desejo uma carreira brilhante para você.

Existem várias palavras que podem definir uma pessoa, porém, vou descrever em duas: Surpreendente e companheira. É dessa forma que vejo a minha Orientadora Joana Coeli a quem agradeço por toda instrução e conhecimento que adquiri na construção desse TCC. Muito obrigada por ter acreditado no meu tema, por ter me ajudado a desenvolvê-lo e ter me feito sair dos pensamentos pequenos. Aprendi com seu jeito direto de falar que o tempo é favorável quando se quer chegar a algum lugar. E realmente deu tempo por causa da sua grande e incomparável ajuda. Aprendi muito com sua sinceridade e seu modo cativante. Espero que muitos tenham a mesma ou melhores oportunidades que tive sendo orientada por você. Deixo registrado aqui minha gratidão por tudo que fez.

A todos os meus professores que contribuíram para a minha formação.

E agradeço a minha pessoa, pela persistência, garra, por momentos de inteligência, companheirismo e pela determinação. Agradecida estou por todas as coisas.

"Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes".

Paulo Freire

RESUMO

A investigação focaliza a biblioterapia como uma prática hospitalar, demonstrando a importância da atuação dessa técnica por equipe multidisciplinar. Apresentam diversas atividades como forma terapêutica para pacientes hospitalizados e/ou seus acompanhantes. Tem como objetivo geral: Avaliar a aceitação e a utilização da biblioterapia no Hospital Universitário Lauro Wanderley – HU-UFPB, tendo em vista o Projeto de Lei N° 4186, 11 de julho de 2012, em tramitação na Câmara dos Deputados. Os objetivos específicos são: Identificar o conhecimento do Projeto de Lei N° 4186, 11 de julho de 2012; Identificar a aceitação da prática da biblioterapia no Hospital Universitário HU-UFPB; Identificar que profissionais se envolvem, ou serão envolvidos com a prática biblioterapêutica; Enfatizar o papel do bibliotecário na atividade prática junto à equipe; Inferir a partir dos resultados sobre a aceitação da biblioterapia, e em caso da prática ainda não acolhida, propor a implantação do trabalho dentro da instituição hospitalar. A pesquisa tem abordagem qualitativa e exploratória. Utiliza entrevista como instrumento de coleta de dados, e como sujeito da pesquisa o Gerente de Ensino e Pesquisa do HULW para averiguar se existe a prática da biblioterapia e sua visão sobre a ela com base no referido Projeto de Lei e com base na sua vivência no ambiente hospitalar. Constata a inexistência da prática da biblioterapia no HU-UFPB. E, ainda que essa unidade hospitalar é um espaço aberto para pesquisas de extensões para ser debatido a implantação de um projeto de biblioterapia. Conclui que arte ou ciência a biblioterapia é um tema discutido por pesquisadores, no sentido de promover o bem estar para as pessoas. É inegável que a biblioterapia traz benefícios para a sociedade, comprovada por pesquisas e por profissionais que atuantes. A leitura é uma das técnicas que por seu poder transformador na vida dos leitores estimula o legislativo brasileiro a propor a inclusão da terapia nos hospitais. E, que livros sejam vendidos em farmácia como se fora medicamento.

Palavras-chave: Biblioterapia. Projeto de Lei N° 4186/2012. Atividades lúdicas como terapia. Biblioterapia hospitalar. Prática biblioterapêutica.

ABSTRACT

The research of this work focuses on the bibliotherapy as a hospital practice, demonstrating the importance of the performance of this technique by multidisciplinary team. They present several activities as a therapeutic form for hospitalized patients and / or their companions. The general objective of the research is: To evaluate the acceptance and the use of the bibliotherapy at the Lauro Wanderley University Hospital (HULW) - HU-UFPB in view of the Bill of Law N ° 4186, 11 of July of 2012, in course in the Chamber of Deputies. The specific objectives are: Identify the knowledge of Bill No. 4186, July 11, 2012, which deals with the practice of bibliotherapy in hospitals; To identify the acceptance of the practice of bibliotherapy in the University Hospital HU-UFPB; Identify which hospital professionals are involved or will be involved with the practice of bibliotherapy; Emphasize the activities of bibliotherapy and the role of the librarian in this practical activity; Infer from the results on the acceptance of bibliotherapy and in case of practice not yet accepted, propose the implantation of the work within the hospital institution. The research has a qualitative and exploratory approach. It uses interviews as a data collection instrument, and as research subject the HULW Teaching and Research Manager to investigate whether there is a practice of bibliotherapy and its view on it based on the said Bill and based on its experience in the Environment. It notes that there is no practice of bibliotherapy in HU-UFPB. And, although this hospital unit is an open space for extensions research to be debated the implantation of a bibliotherapy project. It concludes that art or science the bibliotherapy is a topic discussed by researchers, in the sense of promoting the well being for the people. It is undeniable that bibliotherapy brings benefits to society, proven by researches and professionals who work. Reading is one of the techniques that for its transforming power in the lives of readers stimulates the Brazilian legislature to propose the inclusion of therapy in hospitals. And, that books are sold in pharmacy as if it were medicine.

Keywords: Bibliotherapy. Bill of Law No. 4186/2012. Ludic activities such as therapy. Bibliotherapy in Hospitals. bibliotherapy practice.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABNT - Associação Brasileira de Normas Técnicas.

GEP – Gerência de Ensino e Pesquisa

HUWL – Hospital Universitário Lauro Wanderley

PDT-RS - Partido Democrático Trabalhista do Rio Grande do Sul

SUS – Sistema Único de Saúde

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
1.1 Justificativa.....	12
1.2 Objetivos e Estrutura.....	13
2 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS.....	15
2.1 Caracterização da Pesquisa.....	15
2.2 Fases da Pesquisa.....	16
2.3 Campo e Sujeito da Pesquisa.....	17
2.4 Instrumento de Coleta.....	17
3 SURGIMENTO DA BIBLIOTERAPIA.....	19
3.1 Conceitos da Biblioterapia.....	21
4 A BIBLIOTERAPIA AÇÃO E APLICAÇÃO.....	23
4.1 Biblioterapia Hospitalar.....	28
<i>4.1.1 O Projeto De Lei.....</i>	<i>31</i>
4.2 A Leitura e a Biblioterapia.....	34
4.3 Atividades Lúdicas como Terapia.....	38
<i>4.3.1 Dançaterapia.....</i>	<i>40</i>
<i>4.3.2 Musicoterapia.....</i>	<i>40</i>
<i>4.3.3 Brinquedoteca.....</i>	<i>42</i>
5 BIBLIOTERAPIA E O BIBLIOTECÁRIO.....	44
6 ANALISE DOS DADOS.....	47
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	56
REFERÊNCIAS.....	58

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso (TCC) focaliza a biblioterapia como prática hospitalar, demonstrando a importância da atuação dessa técnica por equipe multidisciplinar que inclua o bibliotecário. A biblioterapia é contemplada por várias áreas do conhecimento, sendo inclusive, a biblioteconomia uma delas. A palavra biblioterapia é de uso recente, porém, a técnica é muito antiga. Apesar de a biblioterapia ser considerada por alguns estudiosos como sendo da área da saúde por lidar com pacientes em busca de ajuda e recuperação, ela pode ser aplicada em diversos lugares a exemplo da brinquedoteca e musicoteca, que a utilizam como forma terapêutica para o benefício de quem dela necessita.

A biblioterapia pode e deve ser trabalhada em conjunto com outras profissões. Conhecida como atividade multidisciplinar tem o privilégio de reunir vários campos profissionais como medicina, psicologia, biblioteconomia, educação, entre outros. Os profissionais dessas áreas devem estar unidos por um só objetivo: oferecer qualidade de vida aos pacientes internos e / ou acompanhantes para que durante o processo de tratamento os estimule a retornar a vida em sociedade.

A biblioterapia é recomendada para todos os indivíduos da sociedade, como afirma Ratton, (1975, p. 199-200) “Sua utilização é considerada atualmente na profilaxia, educação, reabilitação e na terapia propriamente dita, em indivíduos nas diversas faixas etárias com doenças físicas ou mentais”.

A biblioterapia pode e deve estar de alguma forma associada a vários momentos como prática da saúde, tanto física quanto mental. Todos os indivíduos necessitam de uma prática intelectual mesmo que seja só para o estímulo pessoal. Ratton, (1975, p. 200) se expressa dizendo que enquanto “alguns leitores consideram o livro de maneira intelectual e objetiva outros se deixam envolver emocionalmente por ele. [...] a captação do conteúdo do material de leitura podemos dizer [...] é capaz de proporcionar uma série de benefícios”.

Assim sendo, a leitura é básica para a biblioterapia e tem um importante papel na vida do indivíduo. Simplesmente não é ler por ler, é tocar as emoções positivas e estimular a introspecção, ou seja, ir além. Talvez por isso a sociedade se encontra no estágio de reflexão, embora haja muitos que desconhecem o valor do livro e da leitura e os efeitos que uma boa leitura provoca.

Ouaknin (1996) afirma que “a biblioterapia nasce do encontro entre a força da língua – que evocamos e que não é mais reservada aos mágicos, aos padres e aos charlatões – e o local de expressão primordial e o primeiro dessa força: o livro”.

A biblioterapia utiliza-se de materiais bibliográficos para desempenhar um papel de extremo valor que é oferecer bem-estar, através de leituras cuidadosamente selecionadas trazendo paz e reflexões aos pacientes que se encontram em situações de conflitos mentais ou comportamentais. A proposta da biblioterapia é que o leitor sinta a leitura dentro do mais íntimo do seu ser ao ponto de as transformações internas serem percebidas por quem acompanha no tratamento.

1.1 Justificativa

A motivação pelo tema escolhido surgiu da curiosidade em torno da palavra, o que significava e qual a área de atuação. Cursava o quinto período quando me deparei com o nome biblioterapia durante a semana acadêmica do curso de Biblioteconomia. O nome estava exposto em um cartaz na parede, mas eu não conhecia seu significado. Biblioterapia, para muitos o nome ainda desconhecido, em específico para alguns estudantes do curso de biblioteconomia, por não haver uma disciplina que trata a temática. Naquele tempo, para mim, isso me instigou a conhecer e buscar na área da biblioteconomia quais seriam as possibilidades de atuação profissional.

Arte ou Ciência! Dúvida colocada em meio às pesquisas e ainda não respondida de fato por pesquisadores que descrevem sobre ela. A biblioterapia se preocupa com o cuidado para com o ser humano. Por esta razão o profissional bibliotecário juntamente com outros profissionais que atuam em específico, na área da saúde tem a inquietude em diagnosticar, dependendo do estado do paciente, qual leitura terapêutica poderá aplicar-se para o paciente. A sociedade e os pacientes precisam de profissionais habilitados a desempenhar com êxito essa função.

O resultado que estes profissionais buscam é trazer alívio emocional para medos, angústias que seus pacientes enfrentam ou para os problemas comportamentais, mentais dentre outros distúrbios.

A biblioterapia atua como um recurso terapêutico no tratamento de pacientes

internados e acompanhantes. Muito além do que selecionar livros para diversos tipos de pacientes e acompanhantes, se estende em saber como esses leitores estão sendo tocados para leitura recomendada. Ratton (1975) expressa a importância da biblioterapia como sendo um elemento indispensável nos hospitais.

Tanto que no Brasil há o projeto de lei N° 4186, 11 de julho de 2012, que tramita na Câmara dos Deputados, uma iniciativa do Sr. Giovanni Cherini, Deputado pelo Partido Democrático Trabalhista do Rio Grande do Sul (PDT-RS). É uma proposta para que os hospitais adotem a técnica. No projeto o deputado abraça a causa sobre o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados no sistema único de saúde – SUS.

A justificativa para solicitar aprovação ao projeto de lei ressalta a importância da biblioterapia através da prática desenvolvida pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, aplicada em hospitais de Porto Alegre e Joinville, resultando em redução de insônia, resgate do lúdico, alívio das dores, e dos medos, advindos da doença e do ambiente hospitalar por meio da aplicação da biblioterapia tanto para os pacientes internados quanto para os familiares e/ou acompanhantes.

Com base nesta proposta de lei, para o desenvolvimento deste estudo o HU da UFPB foi escolhido porque faz atendimento pelo Sistema Único de Saúde e que atende a pacientes acometidos por doenças as mais variadas e por fazer parte da Universidade.

1.2 Objetivos e Estrutura

A questão de pesquisa é saber se há no HU de João Pessoa, conhecimento sobre a existência desse projeto de lei. Em caso positivo se concordam com ele e como estão se preparando para adotar as medidas para colocá-lo em prática. Em caso negativo torná-los conhecedores para que o (s) responsável (eis) pela administração hospitalar saiba da existência e se prepare para a importância que este projeto de lei refere ao reconhecimento da prática da biblioterapia, como coadjuvante ao restabelecimento de pacientes internados.

Em busca de respostas para esse questionamento a pesquisa tem como título/tema: **O Projeto de Lei N° 4186/2012: atuação da biblioterapia em hospitais** sendo seu objetivo geral: Avaliar a aceitação e a utilização da

biblioterapia no Hospital Universitário Lauro Wanderley – HU-UFPB, tendo em vista o Projeto de Lei N° 4186, 11 de julho de 2012, em tramitação na Câmara dos Deputados.

Esta perspectiva em saber se há existência ou não da biblioterapia, no HU-UFPB amplia o nosso interesse com relação ao aprofundamento do estudo em busca de resposta a questões formuladas, para conhecer ou propor o que a biblioterapia pode auxiliar na vida de quem exerce, usa e pratica a leitura com finalidade terapêutica.

Dessa forma, definem-se como objetivos específicos:

- a) Identificar o conhecimento do Projeto de Lei N° 4186, 11 de julho de 2012;
- b) Identificar a aceitação da prática da biblioterapia no Hospital Universitário HU-UFPB;
- c) Identificar que profissionais se envolvem, ou serão envolvidos com a prática biblioterapêutica;
- d) Enfatizar o papel do bibliotecário na atividade prática junto à equipe;
- e) Inferir a partir dos resultados sobre a aceitação da biblioterapia, e em caso da prática ainda não acolhida, propor a implantação do trabalho dentro da instituição hospitalar.

Esse TCC estrutura-se em capítulos discorridos da seguinte forma:

Introdução: aborda os aspectos gerais do tema, justificativa e objetivos para o desenvolvimento do estudo; **Procedimentos Metodológicos:** caracteriza o perfil da pesquisa, apontando os métodos escolhidos para o campo da pesquisa; **Fundamentação Teórica:** fundamenta através de conceitos, estudos, pesquisas e citações de autores que se identificam com o tema abordado; **Análise dos dados:** pautada na análise da entrevista coletado para se ter o diagnóstico que norteia este TCC; em seguida as **Considerações finais:** que evidência a prática da biblioterapia benéfica para todos os indivíduos e para a sociedade. Refere aos diferentes profissionais que utilizam a biblioterapia como instrumento biblioterapêutico, sendo o bibliotecário apto a inserir-se neste campo de trabalho; encerrando com as **Referências:** que dão embasamento ao conteúdo.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste item encontram-se descritos os procedimentos por meio dos quais pode-se chegar aos aspectos que satisfaçam e respondam ao problema focalizado no estudo.

2.1 Caracterização da Pesquisa

A pesquisa existe para responder à questão que motiva a dúvida. Isso é o que caracteriza a pesquisa. Para obter as respostas acerca da biblioterapia em **hospital** foi necessário fazer uma pesquisa exploratória como expressa Gil (2002, p. 41), [...] “são as pesquisas que têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito [...]”.

Exploratória, por que reuniu dados acerca da existência e não existência da prática da biblioterapia nas universidades Federais do Brasil, porém, mais precisamente na Universidade Federal da Paraíba, na grande cidade de João Pessoa, onde é a base do estudo desenvolvido. A questão é identificar se ao menos sabem da existência do Projeto de Lei N° 4186, 11 de julho de 2012, em tramitação na Câmara dos Deputados, que possibilita a biblioterapia nos Hospitais públicos conveniados com o SUS. Saberemos se há conhecimento da biblioterapia quanto a sua prática, bem quanto aos profissionais envolvidos nessa prática. Saber sua opinião acerca da atuação do bibliotecário como um campo de trabalho hospitalar.

Para Zikmund (2000) *apud* OLIVEIRA (2001, p. 11), os estudos exploratórios, geralmente, são úteis para diagnosticar situações, explorar alternativas ou descobrir novas ideias.

Tendo caráter qualitativo, segundo expressa Richardson (2011, p. 79) [...], isto porque “difere, em princípio, do quantitativo à medida que não emprega um instrumental estatístico como base do processo de análise de um problema”. Entende-se, portanto, que a pesquisa não resulta em dados numéricos e nem em medições, mas analisa o problema de forma qualitativa para obter as respostas necessárias para o desenvolvimento do estudo em questão.

Segundo Oliveira (2001, p. 25-26) “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento”. Na pesquisa qualitativa o pesquisador se torna o contado direto com

o ambiente e a situação que está sendo investigada.

2.2 Fases da Pesquisa

Lakatos e Markoni, (2003) explicam que “Antes de iniciar qualquer pesquisa de campo, o primeiro passo é a análise minuciosa de todas as fontes documentais, que sirvam de suporte à investigação [...]”. Assim é que toda pesquisa tem uma etapa inicial de cunho bibliográfico porquanto prepara o pesquisador inteirando-o do que foi realizado e ainda se encontra por realizar.

Esses autores definem a pesquisa bibliográfica como sendo um levantamento de todas as bibliografias publicadas por intermédio de vários formatos informacional acerca de assunto determinado, fazendo com que seu pesquisador esteja em contato direto com o que está sendo pesquisado.

Realizou-se a pesquisa bibliográfica por intermédio das fontes de informações nacionais, em formato eletrônico e documental impresso. A maior quantidade informacional foi através de artigos, monografias, dissertações e teses.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Segundo Fonseca (2002) toda pesquisa tem que ter uma base bibliográfica para melhor conhecer o que se está estudando, permitindo ao pesquisador se familiarizar com o ambiente estudado.

Por esta razão que a parte bibliográfica se torna de suma importância para o pesquisador antes de sair para a coleta de dados. Está familiarizado com o tema facilita na interação com o tema e o assunto que estará sendo abordado dando a liberdade e a facilidade de conduzir da melhor forma está coleta. Foi realizado primeiro, o levantamento das referências bibliográficas para se ter um norte do que estará sendo construído, em seguida o referencial teórico para embasar o assunto

dando mais propriedade a análise dos dados, finalizando com a análise dos dados por meio da entrevista e a conclusão de tudo que foi dialogado neste trabalho. Ele principia com o Projeto de Lei apresentado à Câmara dos Deputados, cujo teor encontra-se na sequência.

2.3 Campo e Sujeito da Pesquisa

A pesquisa foi realizada no Hospital Universitário Lauro Wanderley, mais conhecido como HU, localizado na Universidade Federal da Paraíba Campus I, Av. Contorno das Cidades, SN - Cidade Universitária, João Pessoa – PB. Fundada em 1978.

A história do HULW se inicia na gestão do Reitor João Medeiros, quando se deu a implantação do campus universitário, em terreno doado pelo Governo do Estado da Paraíba, enquanto governador o Dr. Pedro Moreno Gondim, através da lei n.º 1.871 de 17 de novembro de 1978 e escritura pública lavrada no cartório Eunápio Torres, em 11 de fevereiro de 1959, o que constituiu o marco inicial da grande aspiração da comunidade acadêmica paraibana.

No reitorado do professor Guilhardo Martins Alves, ao final da década de 60, teve início a edificação de vários prédios no atual campus I da UFPB, entre eles o do Hospital Universitário. Enquanto se cuidava da construção do HULW, concomitantemente, foi instalada uma equipe liderada pelo Prof. Newton de Araújo Leite que, além de administrar a construção do hospital, planejava todos os atos necessários a sua implantação. Em 12 de fevereiro de 1980 foi inaugurado oficialmente o HULW.

A pesquisa apresenta como sujeito, o atual gerente de Ensino e Pesquisa, o Sr. Ângelo Brito Pereira de Melo, com o qual foi realizada a entrevista acerca da atuação da biblioterapia no hospital universitário da UFPB. A entrevista ocorreu em data previamente marcada, 31 de outubro de 2016, no seu ambiente de trabalho na sala da Gerência de Ensino e Pesquisa (GEP), localizada no próprio hospital universitário HU.

2.4 Instrumento de Coleta

O instrumento de coleta é uma entrevista, técnica que nos últimos tempos vem

sendo bastante utilizadas por pesquisadores para coleta de dados, pois, segundo Ribeiro (2008, p. 141) “Recorrem estes á entrevistas sempre que têm necessidade de obterem dados que não podem ser encontrados em registros e fontes documentais, podendo estes ser fornecidos por determinadas pessoas”.

Ribeiro (2008) explica a questão do entrevistador-entrevistado e esclarece como deve proceder a essa relação.

O entrevistador relaciona-se com o entrevistado, de modo específico não propriamente através de questionamentos, e como aquele não emite julgamento sobre o relato, embora às vezes seja solicitado a fazê-lo, o entrevistado sente-se á vontade para expor suas opiniões e, muitas vezes, alguns sentimentos. (RIBEIRO, 2008, p. 142)

Elaborou-se questões para nortear a entrevista sobre o eixo do tema: O projeto de lei, biblioterapia hospitalar, profissionais envolvidos, e tipos de terapias. O gestor foi inicialmente informado sobre o assunto a ser tratado na entrevista, tendo se disponibilizado em contribuir para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, e também abrir as fronteiras para um assunto divulgado, porém pouco esclarecido dentro do hospital.

A pesquisa buscou responder os objetivos específicos do trabalho, sendo sua primeira face procurando saber por parte do entrevistado o conhecimento do projeto lei 4186 de 11 de julho de 2012 dentro do hospital, e, conseqüentemente saber, os possíveis profissionais que integram a biblioterapia, sua visão acerca do assunto, até a possibilidade da implantação no ambiente hospitalar. Segundo Ribeiro (2008, p 146) “A confiabilidade é um dos aspectos relevantes da entrevista para garantir a validação dos dados”.

A entrevista mostrou-se favorável, acolhedora e de um relato de experiência ímpar, pois, a contribuição através de relatos vivenciados fora do Brasil, foram de extrema importância para as perguntas que foram programadas. O entrevistado se mostrou bastante atencioso e aberto para ouvir e contribuir com seus conhecimentos para o desenvolvimento do trabalho em questão.

3 SURGIMENTO DA BIBLIOTERAPIA

De forma extremamente sucinta o Deputado Giovani Cherini elabora um histórico sobre a biblioterapia. Mas, para cumprir o que convém a um trabalho científico fazemos a complementação.

Há milênios de anos, a biblioterapia é conduzida através da leitura e com extenso significado. Nos tempos remotos segundo Pereira (1996), no antigo Egito, o faraó Ramsés II, sabendo o valor da leitura colocou na face principal da sua biblioteca a frase "Remédios para a Alma", e as bibliotecas desta época eram tidas como "casas sagradas".

Entre os Romanos a leitura é vista como tratamento médico com diálogos para que os pacientes alargassem dentro de si um desenvolvimento intelectual. Segundo TEWS (70), citado por Pereira (1996), desde os tempos primitivos existia a associação da leitura com a medicina.

Na Idade Média na biblioteca da abadia de San Gall na Suíça, havia um letrado escrito semelhante ao encontrado no Egito: "Tesouro dos Remédios das Almas". Desde os tempos remotos, os povos percebiam o valor dos livros e da leitura como linguagem terapêutica. Na atualidade pode-se encontrar, tesouro dos remédios da alma, como título de livros de autoajuda para vida pessoal e para desenvolvimento empresarial de liderança, motivação e cooperação.

Para Ouaknin (1996) *apud* Leite (2009, p. 23) "Os primeiros terapeutas eram filósofos e não se ocupavam somente do corpo-objeto, pois valorizavam aquilo que anima o corpo fundamentalmente, ou seja, a alma".

Muito se fala sobre a origem da biblioterapia, mas, não se sabe dizer ao certo quando foi seu surgimento. Estudos relatam que o primeiro médico a recomendar a leitura para os doentes chama-se Benjamin Rusch, um norte americano. Rusch acreditava que essa estratégia fortalecia a ação biblioterapêutica dos materiais de leitura. Pesquisas relatam que a sua origem vem da América do Norte, desde 1802, no começo do século XIX.

Mais próximo de nós, ou seja, em meados do século XIX, surgem as primeiras bibliotecas hospitalares para doenças mentais, nos Estados Unidos, tendo como exemplo a Massachusetts General Hospital e o McLean Hospital.

Conforme Pereira (1996) em 1904, portanto, início do século XX, a biblioterapia começa a fazer parte da biblioteconomia. Este acontecimento se deu

devido a uma brilhante bibliotecária E. Kathleen Jones que usou suas próprias experiências nas quais saiu-se perfeitamente qualificada na utilização dos livros para o tratamento com doentes mentais. Essas experiências ocorreram em uma biblioteca de um hospital em Massachusetts, nos Estados Unidos.

Segundo Almeida (2012) a biblioterapia teve uma grande evolução durante a primeira guerra mundial quando a American Library Association (ALA) deu aprovação para o serviço de biblioteca junto ao exército, hospitais e instituições reconhecendo a leitura como instrumento terapêutico para progresso da reabilitação dos soldados que voltavam das batalhas:

[...] American Library Association (ALA) apoiou um programa de serviços de biblioteca junto do exercito, em hospitais e instituições [...] para reabilitação, [...] e estimulação dos soldados, que regressavam dos campos de batalha com perturbações traumáticas, [...] providenciou serviços de biblioteca para junto dos veteranos de guerra e apoiou, ativamente, as bibliotecas dos hospitais nos primeiros anos do séc. XX. (ALMEIDA, 2012, p. 23)

O livro adquire então significado de grande relevância, pois nos tempos remotos a leitura não era só com o objetivo de tratamento ou curar a alma. A leitura já se antecipava para desenvolver nas pessoas um comportamento exemplar.

O primeiro artigo publicado na área da biblioterapia aconteceu em 1916 por Samuel Mechord Grothers, no Atlantic Monthly. Pesquisas apontam Samuel como criador da palavra Biblioterapia. Mas, a denominação não foi aceita alegando ser uma atuação prática muito extensa, sendo assim o termo biblioterapia passou por vários nomes dentre eles: biblio - diagnóstico para avaliação, ou bibliofilaxia como o uso preventivo pela leitura, bibliogonomia, biblioconselho ou terapia bibliotecária. Após diversos debates, finalmente o termo biblioterapia permaneceu.

Durante anos foram ouvidos debates sobre a escassez da biblioterapia em uma estrutura científica. Porém, em 1949, nos Estados Unidos, Caroline Shorodes, construiu uma dissertação de doutorado cuja tese relatava sobre a biblioterapia: "Bibliotherapy: A Theoretical and Clinical – Experimental Study".

Apesar de a biblioterapia ser aplicada em ambiente hospitalar, é importante ressaltar que existem outros ambientes que se utilizam da literatura como forma terapêutica. Como exemplo: atividades lúdicas, a música, a dança, que proporcionam ao indivíduo momentos alegres.

A existência da biblioterapia é antiga e a sua prática traz benefícios até os dias atuais como relembra ALMEIDA, (2011. p 2).

A biblioterapia existe desde a antiguidade. Seu uso, no início, se realizava através da leitura de histórias que entretinham qualquer tipo de pessoa, procurando ocupar o tempo ocioso, até que um dia esse uso foi identificado como instrumento terapêutico, passando a ser empregado em diversos lugares, até os dias atuais.

A biblioterapia tem tido um excelente desenvolvimento, sua prática tem sido reconhecida em diversos lugares e está sendo muito utilizada e divulgada, pois, seus resultados têm sido reconhecidos por quem executa e ainda mais por quem pratica. A sociedade é prova desse acontecimento, até porque na Câmara Federal encontra-se em fase de reconhecimento um projeto de lei para aprová-lo com justificativa e exemplificação que demonstra estudos e pesquisa para demonstrar a eficiência da biblioterapia nos hospitais, e incluir a venda de livros em farmácias como se medicamento fora. Antes mesmo da lei a biblioterapia vem sendo aplicada em diversos lugares e seus resultados trazem benefícios para toda sociedade.

3.1 Conceitos de Biblioterapia

Como afirmado anteriormente o termo biblioterapia é recente, mas, sua técnica de uso e sua função é bastante antiga. Estudos demonstram que a biblioterapia tem uma grande atuação na área da biblioteconomia, juntamente com outras áreas do conhecimento que utilizam a leitura como forma terapêutica. A biblioterapia vem desde a antiguidade auxiliando as pessoas como terapia.

Para se ter um melhor entendimento acerca do que venha a ser a biblioterapia, faz-se necessário descrever seu conceito e função.

A palavra biblioterapia é composta de dois termos de origem grega, *biblíon* (livro) e *therapeía* (terapia). Composto a ideia de terapia por meios de livros. (OUAKNIN, 1996, p. 11). Porém, a biblioterapia não se limita apenas à terapia por meio dos livros, existem outros recursos para que sua prática possa ser utilizada, é o caso dos fantoches, material audiovisual, música, brinquedos, contação de história e a leitura.

Se a biblioterapia utiliza todos os tipos de materiais bibliográficos, logo, o biblioterapêutico deve estar atento às diversidades do indivíduo em questão.

[...] Cada indivíduo tem uma característica que lhe é peculiar e o profissional

deve estar atento a essas diferenças, fazendo com que os métodos escolhidos e técnicas escolhidas no processo sejam realmente eficazes. [...] entre tantas atividades e estratégias desenvolvidas nos hospitais, que têm tornado a internação um processo mais humanizado e menos agressivo ao ser humano a biblioterapia, vem a ser um mecanismo de promoção da vida. (NASCIMENTO; ROSEMBERG, *apud* SILVA, 2013, p. 3).

A biblioterapia busca em suas terapias trabalhar as emoções do indivíduo no sentido de amenizar seus transtornos mental, emocional e/ou comportamental através de métodos preventivos. Esses métodos tem que ser previamente estruturado e esquematizado, tendo como base os casos a serem tratados.

Seitz define a Biblioterapia como sendo um programa de materiais bibliográficos:

A Biblioterapia é um programa de atividades selecionadas envolvendo materiais e leituras planejados, conduzidas e controladas como um tratamento, sob a orientação médica para problemas emocionais e de comportamento, devendo ser administrada por um bibliotecário treinado de acordo com as propostas e finalidades prescritas. (SEITZ, 2000, p. 21).

Observamos que a biblioterapia proporciona relacionamentos não só entre o leitor e o livro, mais entre biblioterapeuta e paciente, seja em rodas de leitura ou até mesmo entre uma leitura em comum. A resposta do tratamento biblioterapêutico está na satisfação de cada paciente através de suas reações.

Ler é um procedimento que faz bem a mente, a vida. A terapia nos permite dar esse bem estar aos indivíduos que necessitam, porém, deve ser escolhido com bastante cuidado, pois, tanto uma leitura pode aliviar quanto ela pode deixar o indivíduo atormentado, por isso, a estima por um profissional capacitado é de suma importância para o tratamento ter seus feitos.

[...] É nesta etapa de escolha do texto que se percebe a importância da participação do bibliotecário que deve conhecer tanto os livros como os leitores, de forma a selecionar a melhor literatura (didática ou ficcional) para se atingir os efeitos terapêuticos pretendidos. (GUEDES, 2013 p. 25)

A leitura transforma o indivíduo, tornando-o intelectual, criativo, com opiniões próprias, além de colocar sua autoestima para cima fazendo sentir que a vida tem que ser vivenciada com muita alegria, muita paixão, a leitura é capaz de transportar o homem para um lugar nunca visitado, basta usar sua imaginação.

4 A BIBLIOTERAPIA AÇÃO E APLICAÇÃO

A biblioterapia pode ser aplicada em diversos lugares onde possa ter um profissional qualificado para tal atuação. Escolas, hospitais, asilos, presídios, clínicas de psicologia, psiquiatria, dentre outras, ou seja, para públicos diversificados. Para todos esses ambientes a biblioterapia é um progresso altamente positivo.

Silva e Pinheiro (2008, p. 11) descrevem alguns objetivos da biblioterapia que justificam a sua aplicação nos ambientes citados acima:

- a) ampliar a compreensão e conhecimento de um problema ou diagnóstico;
- b) incentivar habilidades sociais e reforçar comportamento aceitável e corrigir ou remover comportamento nocivo ou confuso;
- c) dar orientação espiritual ou inspirativa;
- d) desenvolver um senso de pertencimento, o qual por sua vez ajuda o paciente a se sentir melhor emocionalmente;
- e) explorar metas e valores pessoais.

A biblioterapia além de ser aplicada em vários ambientes, também pode ser trabalhada com diferentes públicos, com significativas contribuições sociais.

Quadro 2 – Trabalhos biblioterapêuticos realizados

ANO	NOME	PROFISSÃO	ATIVIDADE/CLIENTELA
1934	Sadie PetersonDelaney	Bibliotecária	Trabalho no Hospital de Veteranos em Tuskegee, pioneira no uso da biblioterapia
1937	William C. Menninger	Médico	Programa de biblioterapia em sua clínica médica
1945	Jerome M. Schenek	Médico	Tratamento hiperglicêmico da esquizofrenia e da depressão
1951	Thomas V. Moore	Médico	Atendimento de delinquentes juvenis
1973	J. H. Kirchner	Psiquiatra	Biblioterapia em instituições de ensino
1975	Mildred T. Mood; Hilda K. Limper	Bibliotecárias	Trabalho com crianças e jovens com dificuldades de adaptação
1979	Maurice Barker	Psicólogo clínico	Trabalho com o interesse de jovens pela leitura
1982	Maria Helena Hess Alves	Bibliotecária	Uso de biblioterapia nas prisões, buscando a recuperação dos detentos
1989	Maria do Socorro A. F.Fernandez-Vasquez	Bibliotecária	Trabalho com idosos residentes em asilos

1992	D. A. Mattews; R. Lonsdale	Bibliotecários	Uso da terapia de leitura com crianças autistas, com medo do escuro, situação de morte e luto, filhos de pais divorciados e alcoólatras, além de doentes mentais
1996	Marília M. Guedes Pereira	Bibliotecária	Utiliza a biblioterapia com deficientes visuais
2000	Eva Maria Seitz	Bibliotecária	Utiliza a biblioterapia com pacientes internados na clínica médica
2002	Clarice F. Caldin	Bibliotecária	Biblioterapia na ala pediátrica de Hospitais
2016	Grupo de pesquisa de Edna Pinheiro	Bibliotecária	Biblioterapia com idosos na AMEM

FONTE: Adaptado de Guedes (2013)

Os diferentes profissionais, nas mais diversas formas de atuar, a biblioterapia se fez presente como forma terapêutica e os profissionais que trabalham desenvolvem procedimentos para beneficiar indivíduos em seu modo de ser, pensar e agir, proporcionando longevidade perante a qualidade ofertada contribuindo para um mundo menos doloroso.

Por ser considerado um processo biblioterapêutico pode ser aplicado de várias maneiras, com olhar e perspectivas diferentes dependendo do problema a ser tratado. De um lado existe um indivíduo com problema e do outro um profissional com o intuito de auxiliá-lo da melhor forma possível.

As primeiras conceituações referentes à aplicação biblioterapia é pela área médica, em hospitais. Bryan (1939) citado por Guedes (2013, p. 35), defende a aplicação em hospitais e lista essa defesa em cinco objetivos, ressaltando que a biblioterapia é uma evolução para vida, onde é trabalhada a parte emocional do indivíduo fazendo-o reagir com base na informação transmitida.

Eis os cinco objetivos defendidos por Bryan (1939) *apud* Guedes (2013, p. 35-36):

- 1) Mostrar ao leitor que ele não é o primeiro a sentir o problema;
- 2) Evidenciar que existe mais de uma solução para o problema do leitor;
- 3) Ajudar o leitor a ver valores envolvidos na sua experiência;
- 4) Oferecer fatos necessários para a solução de seu problema e;
- 5) Encorajar o leitor a encarar o seu problema.

Percebe-se que a biblioterapia é um auxílio para a recuperação do paciente leitor, saber lidar com os problemas e encará-los é uma questão de saber aonde

estar, porém, não querer permanecer da forma que se encontra. A biblioterapia vem para aflorar o melhor desse paciente leitor despertando a cuidar de si, fazendo-o compreender que ele não é o único a passar por esta situação, que existem pessoas que também passam pelas mesmas dificuldades e que estão ali para cuidar do seu corpo, mente e alma. Despertar no leitor o gosto de ler não só durante o tratamento como uma forma de passar o tempo, mas transforma-lo em um leitor ativo para que este hábito perpetue por toda vida. E o livro tem essa capacidade de transformação, só basta encontrar-se com seu leitor, como já dizia Ranganathan: para cada leitor seu livro; para cada livro seu leitor.

Muito mais do que prescrever uma terapia através da leitura fica evidente que a função do biblioterapeuta é ajudar o paciente a se inserir na sociedade ressaltando seu grau de importância dentro dela.

Segundo Guedes (2013, p. 37) “A aplicação da biblioterapia se baseia em qual indivíduo se busca orientar e depende do objetivo a ser atingido”. Pereira (1996) relata diferentes tipos de objetivos que podem ser tanto para o desenvolvimento pessoal quanto para o processo de cura.

Dessa forma a biblioterapia pode ser classificada em três tipos: Institucional, Clínica e Desenvolvimento Pessoal, e em qualquer desses três tipos, encontra-se o profissional bibliotecário, juntamente a outros profissionais.

a) Institucional: geralmente aplicado individualmente ou em grupo, diferente do desenvolvimento pessoal, a institucional necessita de médicos e bibliotecários, pois, lidam com pacientes mentais hospitalizados e/ou com doenças específicas. As atividades são de cunho informativo e recreativo.

b) Clínica: geralmente aplicado em pacientes com problemas comportamentais e emocionais. Acompanhado por médicos, bibliotecários, psicoterapeutas com leituras imaginativas. Objetivando a mudança de comportamento por parte do indivíduo.

c) Desenvolvimento Pessoal: geralmente é aplicado individualmente e/ou em grupo, de modo didático e/ou imaginário para indivíduos normais que por motivos cometidos no dia-a-dia se encontram com perturbações. A ação da biblioterapia é promover um bom estado mental. Utilizada principalmente em instituições educacionais, podendo ser aplicada por bibliotecários, professores e educadores. Seu modo é preventivo e corretivo.

As principais características de cada tipo são apresentadas a seguir.

Quadro 1 - Características dos tipos de biblioterapia

	INSTITUCIONAL	CLÍNICA	DESENVOLVIMENTAL
FORMATO	Individual ou em grupo, geralmente em uma instituição voltada para o trabalho	Grupo ativo, voluntário e involuntário	Grupo ativo Grupo voluntário
CLIENTE	Paciente médico ou psiquiátrico, prisioneiro ou cliente em prática privada	Pessoas com problemas emocionais ou Comportamentais	Pessoa em uma situação de crise ou em institutos educacionais
CONTRATANTE	Sociedade / Instituição	Hospitais, Clínicas, Organização de saúde mental	Individual
TERAPÊUTICA	Equipe médica ou bibliotecária	Médico, instrutor mental ou bibliotecário	Bibliotecário, Professor e Outros
MATERIAL USADO	Tradicionalmente Didático	Literatura imaginativa	Literatura imaginativa e ou didática
TÉCNICA	Discussão de Material	Discussão de materiais com ênfase nas visões e reações do cliente	Discussão do material com ênfase nas visões e reações do cliente
LOCAL	Prática de instituição pública ou privada	Prática de instituição privada ou de comunidade	Comunidade
META	Geralmente informativo com visão interna	Visão interna e ou mudança de comportamento	Comportamento normal e auto realização

Fonte: Pereira (1996, p. 59), adaptado por Guedes (2013, p.38)

Debates têm ocorrido em torno da biblioterapia, pois alguns pesquisadores veem a biblioterapia como arte, porém, outros defendem que a biblioterapia é uma ciência.

A biblioterapia funciona como arte para os profissionais que utilizam para a cura, porém não ligados à área médica. Consiste em uma técnica não diretiva de leitura conduzida à auto-ajuda, a partir da seleção de textos que objetivam solução de problemas pessoais, facilitando a compreensão da situação. Em síntese, a biblioterapia como arte consiste do ato do leitor retirar do texto, sem intervenção de um facilitador, o que relaciona com suas emoções, com seus objetivos, seus assuntos pessoais. Por outro lado enquanto a arte da biblioterapia possui uma abordagem não diretiva, a ciência da biblioterapia focaliza o tratamento dos sujeitos que sofrem problemas de ajustamento, problemas emocionais ou mentais sérios, estando estes sempre acompanhados da orientação de um profissional da saúde. Em síntese, a biblioterapia como ciência requer um planejamento

cuidadoso, conhecimentos médicos e considerações psicológicas (ROSA, 2006, p. 26).

Rosa (2006) ressalta os dois lados da vertente arte e ciência. Alguns veem como arte, por meio de autoajuda sem auxílio de profissionais ligados a tratamento, a exemplo dos acompanhantes que na maioria dos casos levam seus textos literários para distração. Enquanto outros a vê como ciências pelo fato da literatura lidar com auxílio de profissionais responsáveis por selecionar literatura cuidadosamente para os indivíduos com problemas de comportamento e transtornos mentais.

Brown citado por PEREIRA (1996, p. 55) mostra os dois lados da biblioterapia arte e ciência:

“... essa expressão de leitura no tratamento de doença mental ou doença física pode ser vista como a ciência da biblioterapia e onde se tenta remediar defeitos pessoais de ajudar indivíduos a resolver problemas de pessoas através de sugestões de leitura própria através da biblioterapia ou outro indivíduo, de fora do campo médico, pode ser visto como arte da biblioterapia”.

Arte ou Ciência, o importante é que a biblioterapia é um auxílio para todos os tipos de pessoas, principalmente para as que sofrem com algum problema. Em suas análises, BEATTY *apud* Pereira (1996, p.55) alega que “A leitura é importante, não se importando se é identificada como uma ‘arte ‘ ou como uma ‘ciência”.

Segundo Caldin (2001) há vários elementos que compõem o método terapêutico, são eles: catarse, humor, identificação, introjeção, projeção e a introspecção.

A catarse: pacificação das emoções. Defende a terapia por meios literários.

O humor: recusa do sofrimento, tornando-se a “rebelião do ego contra as circunstâncias adversas, transformando o objeto de dor em objeto de prazer” (CALDIN, 2001, p.38). Uma maneira de aliviar os sentimentos.

A identificação: É o ato de identificar-se com algo ou com alguém que se admira.

A introjeção: está relacionado com a identificação.

A projeção: “é a transferência aos outros de nossas ideias, sentimentos, intenções, expectativas e desejos” (CALDIN, 2001, p.39). O indivíduo atribui aos outros os seus sentimentos permitindo-lhe o compartilhamento aos mesmos.

A introspecção: Leva ao indivíduo refletir sobre seus sentimentos. É o ato em que o indivíduo descrever o que se passa pela sua própria consciência, fazendo-

o conhecedor dos mesmos.

Em virtude de o indivíduo analisar suas necessidades, situação na qual se encontra e faça uma comparação com outras realidades, corre-se o perigo de ampliação das situações de crise, por isso a necessidade de uma equipe multidisciplinar para apoiar a terapia. Para permitir que o indivíduo enxergue e sinta a força interna que existe dentro de si para enfrentar seus problemas, sem fantasiar ou precisar se esconder em qualquer outra coisa. Além de estimular as emoções positivas por meio das vivências, das informações obtidas, dos valores adquiridos, do desempenho, pela imaginação e incentivo à leitura, pois a mente de um indivíduo que se permite adquirir conhecimento, nunca mais será a mesmo.

4.1 Biblioterapia Hospitalar

A biblioteca hospitalar se caracteriza por utilizar de seus acervos como forma terapêutica para pacientes e acompanhantes dentro de uma unidade hospitalar. A biblioteca se faz importante, pois, a hospitalização traz um abalo psicológico, muitas vezes acompanhado com agressividade por parte do paciente por trazer consigo insegurança e medo. E, se porventura no ambiente hospitalar não disponibilizar um recurso para amenizar o tempo ocioso ou até mesmo atribuir a cura de outras funções, esse paciente corre o grande risco de permanecer mais tempo dentro desse ambiente hospitalar e em caso dos familiares ou acompanhante um nível elevado de estresse, o que no futuro próximo acarretará em doença.

Segundo Silva (1992, p. 6), “a hospitalização, por mais simples que seja o motivo, tende a levar a uma experiência negativa. O desconforto físico, moral, espiritual e o medo da morte podem gerar sofrimentos.” As internações tendem a serem muito doloroso, frustrante, incômoda, estressante.

Os hospitais por mais receptivos e acolhedores que sejam, são hospitais. O paciente já tem na cabeça que é um ambiente onde existe dor, agonias, tristeza, isolamento, individualidade e uma mudança temporária de vida e comportamento.

Apesar de ser a hospitalização uma experiência vivenciada individualmente, supõe-se que a maioria das pessoas que se hospitalizam, independentemente da idade ou quadro clínico, sejam afetadas pelo estresse. Além do estresse fisiológico produzido pela própria doença, a hospitalização provoca mudanças de ambiente físico e social e, nas atividades diárias do paciente, de modo a afetar todo o seu sistema de vida. (FARIAS, 1981, p. 2)

O ser humano nunca está preparado para mudanças, imagine enfrentar uma mudança por causa de doença, muitas vezes em silêncio, presos em sua dor, é um momento muito perturbado para o indivíduo e para seu acompanhante. Acarreta mal-estar, integridade física, mental, até a própria vida dependendo do caso e do paciente/acompanhante.

O uso da biblioterapia é indicada como reestabelecimento do paciente, uma forma de interagir com outras pessoas, consigo mesmo, proporcionando uma comunicação mais direta. Segundo Ratton (1975, p. 206), “Em alguns hospitais, a adaptação à vida hospitalar é auxiliada pela participação em grupos de leitura que visam promover o contato entre pacientes e proporcionar-lhes oportunidade de comunicação.” A biblioterapia é recomendada a pacientes que deverão passar por um longo período de internação. Porém, alguns fatores possibilitam limitações quanto a prática da biblioterapia.

Seitz (2000, p. 32), expressa seu pensamento acerca dessas limitações:

- a) a falta de bibliotecários treinados e com habilidades para conduzir o programa de Biblioterapia;
- b) a inexistência de bibliotecas, sobretudo em hospitais;
- c) o pouco conhecimento sobre o leitor;
- d) a inexistência de estudos que apontem quais os tipos de problemas de saúde são mais tratáveis com a Biblioterapia, qual tipo de leitura é mais eficaz e qual leitor será mais beneficiado.

Esses aspectos são importantes e bibliotecários precisam estar qualificados para trabalhar essas questões. Razão porque, a nosso ver, o mais importante é trabalhar com equipes multidisciplinares, tendo em vista que um profissional pode complementar as ações dos que estão menos preparados.

Poucos estudos e pesquisas com profundidade sobre a biblioterapia na área hospitalar tem sido feitos aqui no Brasil o que torna sua prática um tanto quanto desconhecida e, muitas vezes, duvidosa para alguns ambientes hospitalares. Essas pesquisas se fazem necessárias para que o bibliotecário que atuar em biblioteca hospitalares tenham dados suficientes para conhecer seu público leitor e também se conscientizem da importância dessas pesquisas para o campo de atuação.

Seitz (2000) faz uma comparação na profissão do bibliotecário numa

biblioteca tradicional quanto biblioteca especializada no caso hospitalar.

É necessário, também, que os bibliotecários comecem a se interessar pela Biblioterapia, que olhe um pouco ao seu redor e encontre no livro a contribuição para amenizar muitos problemas [...] verão que praticar a Biblioterapia é tão gratificante quanto fornecer ao médico “aquele livro” que traz a dosagem exata do medicamento que o paciente precisa para sobreviver. (SEITZ, 2000, p. 34)

O bibliotecário não deixará de ser um catalogador, classificador, pois, ele irá precisar das técnicas da biblioteconomia para poder desempenhar bem essa função de bibliotecário hospitalar.

As pesquisas que são referência no Brasil é o Hospital Universitário em Florianópolis – SC. Através das pesquisadoras Eva Maria Seitz (2000) e Clarice Fortkamp Caldin (2001), que desenvolvem a biblioterapia como instrumento de cura e/ou reestabelecimento e socialização de pacientes internados por um vasto tempo no hospital.

A pesquisa de Seitz (2002) teve como objetivo verificar o nível de aceitação da leitura como atividade de lazer através do procedimento biblioterapêutico com os pacientes internados na clínica médica do hospital universitário. Seus públicos alvo foram homens e mulheres com idade entre 18 e 50 anos. O processo demonstrou bastante útil na parte da hospitalização sendo bem aceita pelos pacientes que participaram da biblioterapia, pois, puderam compartilhar suas emoções, vivenciar momentos em grupo, obtendo uma hospitalização mais humanizada e menos dolorosa.

Caldin desde 2002 até dos dias atuais desenvolve pesquisa na ala pediátrica do HU, seu público tem sido com crianças internadas. Seu objetivo é humanizar o processo de internação infantil. Tendo em vista que criança não tem tanta ciência do porquê que está no ambiente hospitalar e de quanto tempo necessitará permanecer em tratamento. Utilizam-se como recursos terapêuticos textos literários com ilustrações, músicas, teatro, contação de história, aplicado individual ou coletivo dependendo da situação em que a criança se encontra.

Assim, a literatura destinada à criança é arte, expressão, comunicação, e a fantasia presente nos textos é uma forma lúdica de apresentar conteúdo do real de maneira prazerosa, como um jogo. A presença das personagens fictícias, sujeitos da ação, é peça-chave na narrativa, pois é por meio delas que se desenvolve o processo de identificação no trabalho biblioterapêutico. (CALDIN, 2009, p. 139)

Os resultados obtidos confirmaram a importância da biblioterapia no ambiente hospitalar, pois, proporcionou momentos de lazer, aprendizagem, e construção de amizade, demonstrando humanização nesta etapa complexa que é a internação. Houve facilidade em aceitar os procedimentos médicos para a recuperação da saúde.

Em meio a essas pesquisas nota-se que a biblioterapia tem uma grande influência no bem-estar dos que praticam, só a questão de o paciente ter com que se ocupar, ter seus dias preenchidos com atividades e leituras já é um enorme avanço para o paciente. Conforme Caldin (2010, p. 37) “o tratamento humanizado resgata a dignidade da pessoa e produz um sentimento de bem-estar”.

Assim faz se entender que no ambiente hospitalar não só se faz necessário os usos das técnicas medicamentosas, apesar de ser a base para a reabilitação do indivíduo, outras técnicas também contribuem para a reabilitação destes. É o caso da biblioterapia, pois ninguém é bom no que faz sozinho.

A biblioterapia em hospitais auxilia, possibilitando uma recuperação mais humanizada.

4.1.1 O Projeto de Lei

Tendo em vista que o projeto de lei tem somente cinco artigos e sua justificativa também não é grande, achou-se por bem colocá-lo na integra neste capítulo. Para além disso é importante ressaltar que no momento ele encontra-se retirado de pauta na Câmara dos Deputados. No entanto sabe-se que esse é um trâmite legal e que a qualquer momento ele poderá retornar e ser votado. Aprovado ou não, são possibilidades.



CÂMARA DOS DEPUTADOS

PROJETO DE LEI Nº 4.186, DE 2012

(Do Sr. Giovani Cherini)

*Dispõe sobre o uso da biblioterapia nos
hospitais públicos, contratados,*

conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde – SUS.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde – SUS.

Art. 2º A biblioterapia integra o conjunto das ações de saúde oferecidas pelo SUS.

§1º Os materiais de leitura com função terapêutica só poderão ser prescritos e vendidos para os fins estabelecidos nesta Lei após autorização do Ministério da Saúde.

§2º A autorização de que trata o §1º deverá considerar a eficácia terapêutica da obra.

§3º Das obras autorizadas pelo Ministério da Saúde para biblioterapia constará o número da autorização seguido do selo “RECOMENDADO PELO MINISTÉRIO DA SAÚDE”.

Art. 3º Os familiares do paciente, mediante recomendação médica, também poderão receber a prática terapêutica biblioterápica nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados no Sistema Único de Saúde.

Art. 4º Fica autorizada a venda de obras biblioterápicas em farmácias, drogarias e livrarias.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

A Biblioterapia não é uma técnica atual. O uso da leitura com fim terapêutico vem da Idade Antiga. Registros mostram que, no antigo Egito, as bibliotecas eram vistas como locais de conhecimento e espiritualidade. Os gregos também associavam os livros ao tratamento médico e espiritual, concebendo suas bibliotecas como “a medicina da alma”.

Em 1802, pesquisadores já recomendavam a leitura como terapia para doentes de um modo em geral e, em 1810, passou a recomendar como apoio à psicoterapia para crianças, adolescentes, adultos e idosos que estivessem com problemas referentes à depressão, conflitos internos, medos e fobias relacionados a doenças graves.

A partir do século XX as práticas biblioterapêuticas começaram a disseminar-se, inicialmente nos EUA, a partir dos profissionais das bibliotecas hospitalares, começando a despertar o interesse e a curiosidade dos profissionais da área, posteriormente, alastrando-se por toda a Europa.

Durante muito tempo a biblioterapia foi utilizada em hospitais sob orientação de profissionais da área da saúde, passando a partir de 1904, a ser considerado também como um ramo da Biblioteconomia (PEREIRA, 1989). Hoje, vem sendo desenvolvida por equipes interdisciplinares com constante participação dos bibliotecários, psicólogos e médicos, sendo no Brasil, as Regiões Sul e Nordeste as que concentram os maiores índices de aplicabilidade biblioterapêutica.

A aplicação da Biblioterapia em pacientes adultos internados em unidades hospitalares tem como pretensão proporcionar uma internação menos dolorosa e agressiva, humanizando o tratamento hospitalar.

São vários os projetos desenvolvidos envolvendo a prática terapêutica de biblioterapia no país, sendo um exemplo a ser copiado o desenvolvido pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul em 2001, que utilizou os recursos da Política Nacional de Incentivo à Leitura, para reunir uma gama de profissionais dos cursos de letras, psicologia e medicina, no objetivo de aplicação da biblioterapia nas pediatrias de hospitais de Porto Alegre e de Joinville. O resultado deste trabalho, foi a redução, estatisticamente comprovada, da insônia, resgate do lúdico, alívio das dores e dos medos advindos da doença e do ambiente hospitalar.

Diante desse contexto, e do amplo aparato acadêmico internacional, afirmando a eficácia desta terapia no ambiente hospitalar, alcançando cura ou minimização dos sintomas de até 80%, vemos como uma necessidade premente a adoção desta terapia no Sistema Único de Saúde, fornecendo ao cidadão brasileiro práticas modernas para tratamento da depressão e humanização do ambiente hospitalar.

Para sanar esta lacuna, e em conformidade com as orientações da Organização Mundial de Saúde quanto à inserção de métodos tradicionais e alternativos complementares nos sistemas nacionais de saúde, espero o apoio dos ilustres pares na aprovação do presente projeto.

Sala das sessões, em 11 de julho de 2012

Deputado Giovani Cherini

4.2 A Leitura e a Biblioterapia

O livro é uma das principais fontes biblioterapêutica, pois, além do seu conteúdo informacional, ele [o livro], proporciona uma reação diferente para cada tipo de indivíduo. Martins (1994, p.42), em seu livro “O que é leitura” nos dá uma definição acerca do livro. “Antes de ser um texto escrito, um livro é um objeto; tem forma, cor, textura, volume, cheiro.” Ao conceituar o livro, a autora ressalta a importância desses fatores para os indivíduos não alfabetizados como sendo a linguagem da leitura. Porém, muitos alfabetizados escolhem o livro por meio desses fatores, escutando o som das páginas ao folheá-los, ao ver a capa ilustrativa, colorida, ou algum outro formato que lhe desperte a curiosidade. Para cada livro seu leitor, já expressava Ranganathan.

O livro tem uma dinâmica e uma linguagem extremamente poderosa, pois vai de encontro com o leitor transformando-o a sua forma de raciocinar e até seu modo de viver.

Constata-se que a leitura tem uma vantagem sobre a comunicação humana direta porque não é tão intensiva como a palavra falada. Um livro é muito menos ameaçador, muito menos exigentes e ainda assim pode oferecer muito no sentido de comunicar situações humanas e permitir ao leitor aplicá-las à sua própria realidade. (PEREIRA, 1996, p. 65).

A leitura é uma vantagem para a comunicação como forma de conhecimento, ela permite que o indivíduo tenha acesso as informações e tenha conhecimento do seu mundo e do que o mundo produz. A leitura é um experimento individual, cada indivíduo lê e interpreta de modo diferente. Martin, (1994, p.30) considera a leitura

como sendo “um processo de compreensão formal e simbólica, não importando por meio de que linguagem”.

O ato de ler está inserido em todas as demonstrações do fazer humano, tudo é leitura.

A pesquisa sobre leitura, um dos ramos mais jovens da ciência, projetou nova luz sobre o seu significado, não só em relação às necessidades da sociedade, mas também às do indivíduo. O direito a ler significa igualmente o de desenvolver as potencialidades intelectuais, o de aprender e progredir. (BAMBERGER, 1995, p. 20)

A dinâmica da leitura traz muitas possibilidades de interpretações, e suas interpretações depende muito de quem o ler, mas também é levada em consideração a experiência pessoal, a vivência que cada indivíduo. Martins (1994) interpreta dizendo que a leitura vai “[...] além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. A leitura fica mais atrativa quando deixamos nos envolver, e esse envolvimento nos leva a sensações inesperadas. “A criança tende a ter uma maior disponibilidade a ler do que o adulto, pois para ela tudo é novo e desconhecido”. (MARTINS, 1994, p. 52).

Ratton (1975, p. 200) relata que através da invenção da escrita e dos meios para a sua divulgação, os homens constituíram uma memória coletiva, e tem sido influenciado por ela, não só individualmente mais também socialmente. Através dessa memória é que a sociedade se desenvolveu como no todo. A partir desse acontecimento a escrita passa a ter uma importância muito grande na mobilização social.

Há diversos tipos de leitores e cada qual vê o livro de forma diferente. Alguns acham o livro intelectual, outros prazeroso, dinâmicos, e tem aqueles que se deixam envolver completamente de maneira emocional. A leitura por si traz uma série de benefícios. Dentre vários benefícios listados por Ratton (1975, p. 200-201), alguns serão destacados:

- a) compreensão dos problemas sociais de época diferentes, levando a mais fácil adaptação;
- b) amplitude da visão, pelo conhecimento e comparação de pontos de vista alheios, com os do próprio indivíduo;

- c) aumento da autoestima e conseqüente diminuição da timidez pela superação do sentimento de culpa, de ser diferente e de inferioridade, desde que se possa constatar que os problemas humanos são universais;
- d) clareamento dos problemas difíceis de serem formulados e conscientizados pelo próprio indivíduo, que, entretanto, os reconhece quando colocados por outros de maneira não agressiva e impessoal;
- e) desenvolvimento de atitudes sociais desejáveis e escolha de valores facilitados pela identificação com personagens de livros adequados;
- f) estímulos para a criatividade.

Esses benefícios são apenas alguns proporcionados pela leitura, podem ser reconhecidos desta maneira, na medida em que diferentes indivíduos vão á procura do livro para suprir suas necessidades.

“A leitura é, em geral, assistemática e livros de todos os tipos são procurados. Uma série de benefícios é proporcionada, apesar de muitas vezes não serem conscientizados pelo usuário.” (RATTON, 1975, p. 202)

A leitura pode ser realizada com material didático e literário. O que é mais utilizado é a obra literária, devido à visão que se tem do mundo, oferecendo ao leitor uma ampliação do seu universo tanto na percepção e afetivo. Silva (1996) vê a leitura como um “aumento da possibilidade de conhecer o outro e de se autoconhecer, ampliando as alternativas de ver o mundo.”.

Segundo Ratton, as experiências causadas pela leitura estão sujeito de ser armazenadas contribuindo para o início da vida do indivíduo.

As experiências suscitadas pela leitura são passíveis de serem armazenadas, contribuindo para a formação de um potencial gerador que desencadeará um potencial de ação no momento em que o limiar do indivíduo for atingido. (RATTON, 1975, p. 203)

Na biblioterapia o livro é utilizado como terapia, para amenizar os conflitos, medos, dores, frustrações do indivíduo que se encontra perturbado. É um auxílio para pessoas que se encontram acamadas em hospitais por longos períodos de internação. O livro por sua vez é uma excelente fonte prazerosa para quem gosta e se interessa pela leitura, enquanto para alguns serve para passar o tempo, para outros por lazer. Dentro de um ambiente hospitalar os livros são escolhidos pelos

profissionais da área da saúde juntamente com um bibliotecário, com o trabalho e a missão de ter seus objetivos alcançados através desse tipo de tratamento através da leitura. Seitz (2006) descreve em seu relatório feito em suas pesquisas nos ambientes hospitalares o papel que a literatura tem no processo biblioterapêutico com pessoas que participaram dessa terapia demonstrando a importância da leitura e o efeito que faz na vida de quem pratica.

Como fonte de informação, os jornais e revistas atuam como um elo com o mundo exterior, mantendo-os informados sobre os acontecimentos políticos, econômicos, sociais e culturais, contribuindo para que continuem se sentindo parte da sociedade, o que poderá agir como estímulo à recuperação. Como atividade de lazer, a leitura proporciona tranquilidade, prazer, reduzindo à ansiedade, o medo, a monotonia, a angústia inerente à hospitalização e ao processo de doença [...] No processo de sociabilização, a leitura pode levantar questões, com as quais, o paciente possa compartilhar e conversar com outras pessoas. O conhecimento da existência de outras pessoas com problemas semelhantes, ou piores do que os seus, pode dar mais coragem para enfrentar seus próprios problemas, diminuindo seu “isolamento” e solidão. (SEITZ, 2006a, p.169)

A leitura para muitos é um momento prazeroso, uma maneira de sair do mundo perturbado para se encontrar com belas palavras que trará alívio para sua alma. Nem todos que buscam uma leitura necessariamente estão em busca do conhecimento, mas sim uma leitura para relaxar. Essa leitura é tida como a função catártica mencionada por Caldim (2005):

Uma das pioneiras no estudo e aplicação da biblioterapia, Shrodes (1949), considerou biblioterapia como um processo dinâmico entre leitor e texto literário, tendo o último à capacidade de provocar emoções no primeiro. Baseada na teoria da catarse aristotélica e na teoria freudiana da identificação verificou, por meio de estudos experimentais, que a literatura ficcional pode seduzir produzir mudanças comportamentais e induzir ao riso. Dessa forma, a literatura proporcionaria a reconciliação entre o prazer e a realidade, agindo sobre o leitor tanto de forma consciente quanto inconsciente. (CALDIN, 2005, p. 15).

Os diversos tipos de leitura que se utiliza para o tratamento biblioterapêutico são muito benéficos e gratificantes. Para cada tipo de indivíduo há textos diferenciados para serem usados. E a leitura literária que é muito usada na biblioterapia tem característica da catarse onde permite a interação com leitor e o texto. O texto deixa com que o leitor crie personagem, situações, de modo que sua imaginação torna-se um campo para desenvolvimento de vários temas, assim,

auxiliando no processo terapêutico. Pois, Segundo Caldin (2010) a leitura por si só não é o suficiente para tornar o método biblioterapêutico, é preciso ter o envolvimento emocional com o texto, para que haja uma modificação da percepção humana.

Pode-se dizer que a literatura não se configura como uma fuga da realidade, mas como uma transformação da realidade, uma realidade mais palatável naquele momento que o ser humano, cansado da labuta diária, reservou para a leitura. Tal se dá porque a linguagem literária permite ao leitor inferir novos significados; a linguagem poética é depurada de barreiras conceituais e metodológicas, e, portanto, admite a imprevisibilidade e a transcendência. Isso implica dizer: o leitor não se encontra em estado de alienação, mas em estado criativo. (CALDIN, 2010, p.122).

Um dos métodos que ajuda no processo biblioterapêutico é chamado de Ludoterapia, utilizada em crianças, adolescentes e jovens, mas tendo mais efeito em crianças de até seis anos de idade, pois auxilia no desenvolvimento físico, mental e social da criança. Com o uso de jogos e histórias a ludoterapia alcançam adolescentes e jovens. No entanto há atividade que utiliza a ludoterapia em adulto.

A ludoterapia é uma forma de desenvolver as informações que se pretende passar de forma a ser entendido pelo público. Tal atividade não se restringe ao público infantil, pois muitas atividades lúdicas podem ser realizadas com o público adulto. A intenção de se usar tal método se justifica na possibilidade de envolver melhor os indivíduos à atividade, e de estarem abertos às informações que se pretende analisar. (GUEDES, 2013, p. 48)

Observa-se que a biblioterapia pode ser aplicada em qualquer tipo de situação, em muitos casos muitas pessoas fazem seu uso sem saber que estão praticando a terapia por meios dos livros e textos lidos. Porém, em casos que necessitem de ajuda, a biblioterapia só poderá ser aplicada com auxílio de profissionais que estão aptos para tal evento. A biblioterapia é um estudo continuo suas experiências com indivíduos têm tido resultados benéficos para a sociedade, para o ambiente que executa e mais ainda por quem pratica essa terapia.

4.3 Atividades Lúdicas como Terapia

Constamos que o livro é uma das terapias para as pessoas que necessitam de cuidados e para pessoas que querem relaxar. Além do suporte literário através do livro existem outros suportes que auxiliam bastante como procedimento terapêutico,

são eles: informativos, revistas, artigos científicos, músicas, filmes, etc. Como atividades complementares à leitura, citam-se a escrita criativa, atividades corporais (dança e/ou exercício físico), atividades musicais, teatrais, narração de histórias e brinquedotecas (que são terapias através dos brinquedos).

Para a aplicação da biblioterapia ser mais eficaz neste tipo de suporte faz-se necessário que os indivíduos tenham características parecidas até mesmo iguais para se poder trabalhar a problemática em comum. Guedes (2013, p. 42) relata que “a característica do grupo define os instrumentos utilizados na atividade biblioterapêutica (leitura, dramatização, atividades lúdicas, entre outros)”.

A leitura dependendo dos pacientes tanto pode ser em roda de leitura (quando os indivíduos se reúnem para ler o livro, tirar dúvidas, compartilhar experiência do livro) em outros casos a leitura é individual, esse método é utilizado principalmente em hospitais devido à locomoção do paciente. Para Caldin (2001, p. 4), “o método biblioterapêutico consiste em uma dinamização e ativação existencial por meio da dinamização e ativação da linguagem”.

A atividade lúdica é uma das linguagens terapêuticas, conhecida como um entretenimento que dá prazer e divertimentos as pessoas que estão envolvidas. A biblioterapia não só usa o procedimento leitura mais as atividades lúdicas como auxílio no tratamento dos indivíduos.

A leitura dinâmica, lúdica, permite a construção de emoções, desenvolve a sensibilidade do olhar, do apreciar, ampliando os horizontes da nossa compreensão. A familiaridade com os diversos contextos literários favorece o crescimento de ideias e apresenta as diversas possibilidades de expressão. (FERREIRA, 2015, p. 32)

A atividade lúdica é aplicada para todas as faixas etárias, observando as características dos indivíduos relacionado a idade alcançando uma aplicação diferenciada. A biblioterapia pode usar das mais diferentes formas de textos: romances, poesias, peças, filosofia, ética, religião, arte história e livros científicos.

Segundo Lucas; Caldin e Silva (2006, p.4) “É nesse sentido que se pensa a biblioterapia: ela deve ter um texto de suporte. O texto escrito permite, entretanto, certa flexibilidade na forma de aplicação das atividades biblioterapêuticas: pode ser lido, contado ou dramatizado”.

4.3.1 Dançaterapia

“A dançaterapêutica é a dança na sua forma mais simples e a linguagem das emoções profundas”. (CERRUTO, 2005, p. 1)

Exercitada por diversos povos e nas mais diversas ocasiões, a dança é uma expressão antiga, tida pelos primatas como processo de cura, libertação e agradecimento.

A dança é uma prática antiga, que vem desde as suas raízes na dimensão do sagrado. De acordo com Cerruto (2005, p. 1), “é a visão de um mundo antigo, “primitivo” que fascina e evoca verdades profundas”.

A dança é uma libertação da alma, os movimentos, as emoções, as experiências pessoais, mesmo que de forma simples aos poucos traz à tona o que muitas vezes fica escondido, deprimindo o indivíduo. Sua expressão é alegria, criatividade nos movimentos, contribui para a diminuição da timidez, permite conhecer os movimentos corporais, torna-o mais sociável, como a autoestima bem elevada. Na dança não há restrição para realizar-se. Todos sem exceção podem participar da dançaterapia, desde que se encontrem e ou se permitam viver o novo.

A dança vai além de uma simples expressão de arte. (FERREIRA, 2015, p. 34). É uma terapia que deixa o indivíduo renovado mesmo utilizando de movimentos físicos para a execução da prática. A dançaterapia é uma terapia muito prazerosa.

4.3.2 Musicoterapia

A música é outro método de terapia tem sido usada de forma terapêutica. Essa prática é entre séculos e séculos. Sua ação é curativa e preventiva da música, em vários documentos históricos de diferentes culturas.

A primeira música a ser gravada como intervenção foi direcionada ao hospital no final do século XVIII, usada para a diminuição da ansiedade e na administração de anestesia local, uma forma de tranquilizar o paciente. Ainda no final da década de XVIII, cientistas iniciaram uma pesquisa para saber como o corpo humano reagiria em torno da música. Segundo Hatem (2005, p. 23), “Foi neste período que seu efeito sobre a função cardíaca, frequência respiratória, pulso, pressão sanguínea, condução

elétrica nos tecidos, fadiga muscular e efeitos vibratórios no corpo humano em geral, foi mais observado”.

Então, que é a musicoterapia?

De forma resumida poderíamos dizer que musicoterapia nada mais é que uma ciência aplicada por uma pessoa qualificada usando a música de forma prescrita, clínica, como uma intervenção terapêutica em ordem, para estimular mudanças positivas em quatro áreas das funções humanas: cognitiva, física, psicológica e social. A musicoterapia tem um significado criativo, flexível e geralmente espontâneo do uso das qualidades da música para ajudar pessoas de todas as idades e habilidades. A musicoterapia é tanto uma arte quanto uma ciência. (HATEM, 2005, p. 24).

A música é um das ações que envolvem todos os indivíduos independentemente de seus ritmos e gostos musicais, pois, há variedades de música para todas as pessoas. Como forma terapêutica, a música deve ser aplicada por um profissional apto a aplicar esse método. Pois, como função terapêutica, tem seu instinto curativo.

Conforme Hatem (2015, p. 24) “A musicoterapia tem um significado criativo, flexível e geralmente espontâneo do uso das qualidades da música para ajudar pessoas de todas as idades e habilidades.” Usa-se da sua criatividade musical para trazer alívio libertação de suas amarguras, tensões, incentivando a expor o interior do indivíduo, mostrando sua importância na sociedade enquanto participante dela.

As seguintes funções literárias se destacam na musicoterapia

A auto aceitação, habilidade auditiva, comunicação, resolução de algum tipo de conflito, autocontrole, criação de uma expressão pessoal, tomada de decisões, diversão e utilização adequada do tempo, coordenação motora (mãos e olhos principalmente), habilidade tátil, desenvolvimento da linguagem, memória, humor e sentimentos, motivação para mudanças, coordenação e controle da musculatura, controle das náuseas, controle da dor, relaxamento, sistema sensorial, indução do sono, redução do stress, entre outras. (HATEM, 2005, p. 27).

A musicoterapia utiliza-se não só da música sonora como forma terapêutica, também faz parte da musicoterapia o incentivo em compor música, fazendo o indivíduo expressar suas emoções através de composições, instrumentos demonstrando a criatividade em fazer arranjos musicais, aprender a tocar (independente do instrumento escolhido) auxilia no desempenho psicológico e racional. Além de ajudar na coordenação motora do paciente, deixando mais confiante, sentindo-se capaz de ultrapassar os obstáculos em meios aos ritmos e posições musicais, dessa forma também leva para a sua vida.

4.3.3 Brinquedoteca

O nome brinquedoteca está direcionado com o ato de brincar. E brincar ajuda no desenvolvimento da criança, tanto sem suas aprendizagens e conhecimentos. A brinquedoteca tem um papel muito importante, pois no brincar a criança pode ter experiências inesquecíveis.

Segundo Françani *et al* (1998 *apud* De Paula & Costa, 2014, p. 51-52), expressa o ato de brincar sendo uma forma natural de expressão.

[...] para a criança, o ato de brincar é um meio natural de expressão, tornando-se indispensável para seu bem-estar físico, mental, emocional e social. Quando a criança brinca, ela depara-se com o mundo da fantasia envolvendo-se em situações imaginárias, com a ajuda dos brinquedos, podendo dar a elas o desfecho que achar melhor, expondo suas emoções e conflitos.

Esse método terapêutico através dos brinquedos e dos livros tem auxiliado muitas crianças hospitalizadas que dependendo do seu grau de doença, não pode sair de seu ambiente para brincar com outras crianças, tendo que ser feita à terapia na sua própria acomodação. A internação é um processo dolorido e pela criança não saber manifestar-se acerca da sua doença, por isso manifesta-se através de choros, irritação, estresse e desanimo.

[...] a internação traz transtornos emocionais e psicológicos na vida de uma criança, favorecendo sofrimento que conduz a regressão de seu desenvolvimento. Estes transtornos são evidentes quando se manifestam por sentimento de dor, desconforto e mal-estar. A hospitalização leva a criança à necessidade de afastar-se de sua casa, escola, amigos e familiares, para ingressar em um ambiente completamente diferenciado daquilo que ela costumava viver, com pessoas estranhas, imersas em uma rotina alheia ao seu modo de vida e um aparato terapêutico cuja finalidade é completamente desconhecida para ela. (OLIVEIRA *et. al.* 2008 citado por DE PAULA & COSTA, 2014, p. 55).

Para amenizar seus sofrimentos a brinquedoteca oferecem atividades que ocupem o tempo dessa criança, como contação de história, livros ilustrativos, brinquedos educacionais, sem falar nas brincadeiras cantadas que são ótimos exercícios para aliviar seus estresses, medos e amenizar suas dores durante os tratamentos. Segundo De Paula & Costa (2014, p. 57) “brincar pode ser visto como mais uma ferramenta que na maioria das vezes contribui no processo de reabilitação e até mesmo cura da criança, uma vez que, o lúdico trabalha com o equilíbrio e a

satisfação mental”. Brincar faz bem ajuda na recuperação e diminui o tempo de internação para a criança. O uso de brinquedos transforma o ambiente de dor em alegria, sendo assim, a terapia está sendo executada, pois, estará sendo supervisionada por profissionais qualificados para tal atuação. Brincar faz bem á vida e ao desenvolvimento da saúde.

5 BIBLIOTERAPIA E O BIBLIOTECÁRIO

A biblioterapia é uma atividade multidisciplinar, também ligada à biblioteconomia, onde o bibliotecário se faz presente. Ratton (1975, p. 211) faz essa referência ao profissional bibliotecário expressando que “Entre os profissionais indicados para compor a equipe interdisciplinar encarregada da biblioterapia, encontram-se os bibliotecários com formação especializada, [...]”. A autora chamou atenção no ano de 1975 por seu trabalho falando da aproximação da biblioterapia com a biblioteconomia.

Em meio a todos esses debates sobre o campo de atuação na biblioterapia, divergências surgem na forma de atuação e uso da biblioterapia, principalmente pelos bibliotecários.

Kinney (1962) citado por Pereira (1996) posiciona-se expondo que “Um biblioterapeuta é primeiramente um bibliotecário que vai mais adiante ao campo da orientação da leitura e torna-se um profissional especializado”. A biblioterapia pode e deve ser trabalhada em conjunto com outras profissões além da biblioteconomia. Conhecida como atividade multidisciplinar a biblioterapia tem esse privilégio de reunir vários campos profissionais como medicina, psicologia, biblioteconomia, educação, entre outros. Todos esses profissionais unidos no único objetivo: Trazer de volta o indivíduo para a sociedade e aliviar seus transtornos psíquicos.

O trabalho do Bibliotecário lida com diversas situações, independentemente do campo que esteja inserido, porém, na biblioterapia além de ser um guia (no sentido de acompanhar, orientar, colocar-se no lugar do outro), o profissional biblioterapêutico tem que ir mais profundo no seu conhecimento, compreendendo que seus usuários são pessoas limitadas por algum transtorno e, nesses casos, necessitam de atenção especial. “O bibliotecário é um ser, ou deveria ser, um instrutor profissional amadurecido, responsável, realizando competentemente uma tarefa importante” (PEREIRA, 1996, p. 65).

O interessante é perceber que o profissional bibliotecário é uma ponte que liga o indivíduo à informação, afim que haja um envolvimento entre eles. Pereira (1996), fala da importância que o bibliotecário tem sobre o livro e como ele conduz essa informação, pois ele contradiz o perfil que muitas pessoas fazem acerca dos livros, mostrando através do diálogo, com seu conhecimento que o livro não deve

ser visto como um agente ameaçador ou exigente, pelo contrário, o livro deve ser visto como um agente auxiliador que tem a capacidade de transformação existencial. O profissional seja ele na área da saúde ou equivalente, que trabalha com a biblioterapia, tem que ser um profissional bem comunicativo, paciente, pronto para ouvir, e também preparado para abordar o indivíduo no seu mundo interior. Na maioria das vezes esse indivíduo tem que ter um atendimento acolhedor para receber e assimilar a terapia que está lhe sendo proposta, pois segundo Ratton, (1975, p. 210) “alguns doentes são tão pouco comunicativos, que a preparação para a terapia se faz necessária”.

O bibliotecário tem que estar preparado para evitar situações constrangedoras e conflitantes que possam bater de frente ao que o profissional pensa e sente.

Silva e Pinheiro (2008) realizaram uma pesquisa com os bibliotecários da Biblioteca Central da UFPB, com o intuito de verificar o que esses profissionais entendem por biblioterapia, sua visão tendo como campo de atuação, participação em atividades envolvendo a biblioterapia, suas opiniões relacionado as competências e habilidades que o profissional deve ter para praticá-la e o profissional bibliotecário contemplam sua atuação como biblioterapeuta. E obtiveram respostas diversificadas e algumas vagas quanto ao entendimento do que seja a biblioterapia. Sabe-se, pelo seu próprio nome, que é terapia através da leitura, do livro, uma terapia que ajuda na recuperação do paciente, porém, nada aprofundado, apesar de terem seus conhecimentos sobre a área de uma forma bastante limitada e superficial no estudo identificou também que esses profissionais concordam que a biblioterapia seja um campo de atuação para o bibliotecário. Foi constatado para o ano da pesquisa (2008) que nenhum dos entrevistados participou de alguma atividade envolvendo a biblioterapia, as competências que o profissional deve possuir as respostas foram ser criativo, imaginário, ser dinâmico, solidário, ou seja, respostas que competes ao profissional em qualquer ambiente de trabalho.

Em contrapartida, no ano de 2014 uma pesquisa de conclusão de curso realizada por Fernanda B. Ferreira, com os alunos pré-concluintes do curso de biblioteconomia, onde lhes foram perguntados o conhecimento sobre a biblioterapia, a responsabilidade social do biblioterapia através da biblioterapia, associação das atividades, contribuição da leitura para a modificação desenvolvimento das pessoas, lugares é praticada a biblioterapia dentre outras perguntas, o resultado pode ser

analisado parecido com a pesquisa de 2008. Alguns responderam de forma superficial, sobre a definição, lugares onde é aplicada, a contribuição para as pessoas envolvidas, porém, outros nem sabiam responder sobre a responsabilidade perante a sociedade, associação das atividades e, ainda, alguns nem ouviram falar ou não conseguiram responder as perguntas. O que nos traz a reflexão que apesar da biblioterapia ser um campo para o profissional bibliotecário o curso de graduação de biblioteconomia pode estar ocultando uma disciplina que é a base para se ter conhecimento sobre o campo da biblioterapia. Essas pesquisas se tornam importante para ter uma prévia dos profissionais e futuros profissionais que estão e que ainda vão se inserir no mercado de trabalho estão tendo sua visão limitada do campo de atuação da biblioteconomia. As pesquisas revelaram que independente dos anos dos casos estudados, a biblioterapia ainda é uma área pouco conhecida para o curso de biblioteconomia na UFPB, seja com profissionais bibliotecários ou estudantes.

Alves (1982), faz uma observação sobre o campo de atuação do bibliotecário na biblioterapia. “A biblioterapia [...] faz parte do trabalho bibliotecário, mas os profissionais do ramo não assumiram ainda essa tarefa correndo o risco de se tornar uma especialidade dentro de outras áreas”. (ALVES, 1982, p. 56).

Diante desses relatos é o que se pode enxergar, outros profissionais adentrando numa especialidade onde bibliotecário pode também desempenhar.

6 ANÁLISE DOS DADOS

Aquino (2000, p.57), define a análise como “o processo de reflexão sobre um objeto de estudo ou um ponto de vista segundo o qual separamos e observamos as singularidades desse objeto, para confrontá-lo com a realidade”. A análise dos dados foi construída para responder as questões levantadas neste trabalho.

Com uma conversa informal acerca do tema levantado, o entrevistado relatou desconhecer o Projeto de Lei, objeto deste estudo. Entretanto foi lhe entregue um exemplar do texto, acerca do uso da biblioterapia em Hospitais Públicos ou conveniado com o SUS. Com uma leitura rápida em relação ao projeto supracito, imediatamente ele se posicionou:

PERGUNTA	Qual seria o seu posicionamento frente ao Projeto de Lei N° 4186, que tramita na Câmara Federal sobre o uso da biblioterapia em Hospitais que atendem pelo Sistema Único de Saúde?
Sou totalmente favorável, eu tinha falado anteriormente de uma maneira informal, conversamos aqui, porquanto existem algumas experiências em alguns hospitais universitários da rede EBSEH. São experiências, vamos dizer, de sucesso que não resta dúvida que nós achamos possível aqui no hospital a implantação. Então sou totalmente favorável a esse projeto de lei.	

Ainda neste dialogo ressaltou a diferença de uma biblioteca técnica que existe dentro de um hospital para o suporte dos profissionais e a biblioteca que é destinada a pacientes para o processo terapêutico

A análise está relacionada ao posicionamento do entrevistado frente ao Projeto de Lei que relata o uso da biblioterapia em hospitais que atendem pelo SUS. O entrevistado apresentou-se bastante favorável a atuação da biblioterapia nos hospitais, mesmo no seu ambiente de trabalho (HU-UFPB) no qual ainda não existe este projeto biblioterapêutico. Mostrou-se favorável e aberto para estudos visando uma futura implantação da biblioterapia no hospital.

PERGUNTA	O que entende por biblioterapia e qual seriam a sua justificativa em defesa dessa terapia nos hospitais?
Não tem! Não tem por quê? Eu posso dizer a você que não tem porque essa estrutura para montar ainda não foi possível. Nós temos um bibliotecário aqui no hospital responsável pela parte técnica do hospital, ou seja, livros técnicos para os alunos, para os residentes, alunos de graduação e alunos de pós-graduação que são os residentes. Mas, para os pacientes ainda não, exatamente por que, ou seja, a Gerência de Ensino e Pesquisa não teve condições ainda de conseguir o apoio necessário para a implantação desse tipo de terapia. Estamos à disposição, eu acho que é um dos ambientes	

mais favoráveis para acontecer esse tipo de terapia que é o hospital universitário por quê? Porque nós temos o apoio da Universidade de Federal da Paraíba, que tem toda estrutura necessária para que essa implantação aconteça, e a estamos à disposição para que no determinado momento um projeto, através de um projeto. Inclusive de extensão isso possa acontecer. Então na verdade, a Gerência de Ensino e Pesquisa do hospital está de braços abertos esperando alguém que encampe esse projeto.

Ratton, (1975), explicita que a falta da biblioteca no convívio comunitário, dificulta o estudo sobre a biblioterapia e a sua implantação, e ainda mais nos hospitais, tendo em vista que no processo biblioterapêutico seria a contribuição aos hospitais para a recuperação do doente.

O entrevistado, Ângelo Melo foi questionado acerca do que é a biblioterapia e sua justificativa em defesa da terapia nos hospitais. O mesmo relata que o próprio nome já fala muito do que seja a biblioterapia, principalmente para os pacientes que passam longos períodos internados. Ressalta a leitura como sendo uma ferramenta a mais para a cura do paciente.

No meu entender e conceito eu entendo como o próprio nome diz, a terapia desses pacientes que passam período no hospital alguns longos que seria mais uma terapia, mais uma ferramenta que o hospital oferece a esses pacientes no intuito da cura desse paciente. Desse paciente que muitas vezes passam período de ociosidade aqui no hospital passam períodos que aí o emocional desse paciente conta bastante na sua recuperação e não resta dúvida que a leitura está toda essa dinâmica da leitura não só a leitura propriamente dita, a discussão de um conteúdo de um livro, enfim, qualquer atividade nesse sentido vem ajudar na cura desse paciente e na alta desses pacientes do hospital universitário.

Existe na universidade um projeto de extensão no Departamento da Ciência da informação, pelo curso de Biblioteconomia, coordenado pela Prof. Dr. Edna Pinheiro, na Associação Metropolitana de Erradicação da Mendicância - AMEM com encontros semanais. E tem ajudado os indivíduos daquele ambiente, no seu desenvolvimento pessoal. A terapia tem trazido resultados significativos para vida de quem pratica, para a sociedade e para os pesquisadores que estão envolvidos neste projeto. A facilidade na implantação no ambiente hospitalar já se torna viável, tendo em vista relatado pelo entrevistador que a universidade é uma aliada para a extensão desses projetos e ensinamentos.

Se existe essa expertise, se existe essa experiência, então mais uma vez é como eu digo o HU está à disposição, ou seja, esse projeto pode ser estendido para cá. O que for possível dentro das nossas limitações do hospital a gente está à disposição. Eu acho importantíssimo, como disse o apoio total ao projeto de lei é mais uma ferramenta para exatamente esse paciente receba alta o mais rápido possível do ambiente hospitalar. Todos nós sabemos que o ambiente hospitalar ele é salutar no momento que é feito para a cura do paciente mais tem vamos dizer as contaminações, os riscos, a

palavra mais adequada seriam os riscos de um ambiente hospitalar. Quanto mais rápido o paciente venha a receber sua alta, voltar para a sua residência, voltar para os seus familiares o mais importante para eles. E aí seria mais uma ferramenta ajudando exatamente nesse processo de alta de cura do nosso paciente.

Em seguida passou-se às questões técnicas, permitindo que o entrevistado tivesse a liberdade para expressar seus conhecimentos, experiências e sua visão diante do que estava sendo posto e proposto pela entrevistadora. Sobre a biblioterapia ele se expressa da seguinte forma.

PERGUNTA	A biblioterapia é conhecida nos hospitais como prática para minimizar o sofrimento dos pacientes. É do seu conhecimento as técnicas/terapias usadas para essa prática?
<p>Não, de maneira superficial eu na verdade não tenho conhecimento mais profundo. Eu tenho conhecimento numa experiência que eu vivi de uma visita a alguns hospitais na Europa. Especificamente em Paris nos hospitais públicos, hospital universitário da França onde eles utilizam. Foi quando eu conheci pela primeira vez e por incrível que pareça não conheci no nosso país. Eu conheci na França e lá eles utilizam a terapia do livro e também da arte da pintura, do artesanato, ou seja, todas elas. Acredito que nesse projeto de lei, todas elas devem estar incluídas, certo? Então eu conheci essa realidade. Era um hospital principalmente voltado para idosos como o que você falou, o da AMEM, era um hospital voltado para geriatria que era exatamente para idosos. E existia todas essas terapias inclusive artes cênicas, pintura, toda essa realidade voltado para os pacientes. Então assim de maneira profunda eu não conheço, mas, sei que todas elas estão envolvidas com este intuito.</p>	

A biblioterapia é conhecida pelo tratamento terapêutico através do livro, e para ser aplicada nos hospitais necessita de uma equipe capacitada, geralmente montada por profissionais da saúde, juntamente com outros profissionais a exemplo do bibliotecário. Em sua explanação o Ângelo Melo, explicou o porquê que ainda não existe a biblioterapia no HU da UFPB, em suas palavras, que ainda não foi possível montar esta estrutura tendo em vista que falta conseguir o apoio necessário para poder implantar, mas se mostrou disposto em receber algum projeto de extensão que some com o hospital no intuito de trazer os benefícios para os pacientes através da prática biblioterapêutica. Ressaltou o apoio da própria universidade em relação aos projetos de pesquisas.

PERGUNTA	Haveria neste Hospital uma equipe estruturada pronta para iniciar as atividades biblioterapêuticas? E ao falar em atividades biblioterapêuticas, quais profissionais estariam incluídos na equipe hospitalar para desenvolver tal prática?

Infelizmente não, na verdade nós não temos essa equipe por que veja bem, a gente precisava primeiramente ter conhecimento de que equipe seria, ou seja, quais profissionais seriam dedicados para este tipo de trabalho. Na verdade, é uma realidade que nós precisávamos sentar para discutir, saber se temos condições de ter essa equipe, ou seja, assistente social, pedagogas, psicólogos e bibliotecários nós temos aqui, mas, claro que já com suas atividades sendo desenvolvidas dentro do hospital. É por isso que seria muito importante o apoio da universidade, da academia propriamente dita nessas atividades assistenciais através de uma extensão. Por isso que a extensão é tão importante faz parte do tripé da universidade: ensino, pesquisa e extensão. Então não resta dúvida que o apoio da academia seria essencial para isto.

Localiza-se na literatura etapas que atendem a seleção da literatura antes desta ser aplicada ao leitor. Os livros são escolhidos por outras pessoas que não o leitor, com o propósito de se alcançar uma meta específica. É feito o acompanhamento dos progressos do indivíduo e avaliação final dos resultados. Várias áreas profissionais têm se servido desses recursos. (RATTON, 1975, p. 204-205). Um problema existente no Projeto de Lei diz respeito a seleção dos livros que serão vendidos em farmácias, drogarias e livrarias. E só podem ser vendidos mediante recomendação médica. A nosso ver isso pode ser a razão porque o Projeto de Lei foi retirado de pauta e até os dias atuais não se sabe se voltou a pauta da Câmara dos Deputados.

PERGUNTA	Na prática terapêutica através de livros, como você percebe a atividade do bibliotecário? Na sua ótica quem seria a pessoa aconselhada e/ou apta para organizar, planejar, distribuir, indicar e prescrever as atividades que estão relacionadas com a biblioterapia?
Acredito mais uma vez eu coloco que o meu conhecimento é limitado da biblioterapia, mais acredito como pela formação técnica dele (bibliotecário), ele vem ajudar bastante exatamente inclusive na escolha dos livros, tá? No processo de escolhas desses livros que venham ajudar na terapia propriamente dita na ferramenta de cura desses pacientes.	

Pode se dizer que o leitor está vinculado a tudo o que consegue ler, descrever e entender, independente da sua forma de expressar, porém, toda e qualquer terapia tem que se antes de tudo selecionada, por mais inofensiva que possa aparentar. Por isso que existem profissionais adaptados para a execução de tais terapias em benefício do paciente. Conhecendo a qualidade que é ter profissionais qualificados, o entrevistado Ângelo Melo expôs sua opinião com relação ao hospital estar pronto para iniciar as atividades biblioterapêuticas. Sua opinião se baseou em ter profissionais dedicados ao trabalho terapêutico, que é preciso antes de qualquer coisa, discutir, estudar as possibilidades de se ter uma equipe para atuar neste

projeto. Ressaltou que no ambiente hospitalar já existem profissionais como assistente social, pedagogos, psicólogos, médicos, bibliotecários, enfim, todo o suporte que a biblioterapia precisa e necessita para desempenhar um trabalho sério e de qualidade. Mas, apesar de existir esse corpo, lembrou que cada qual já tem suas atividades dentro do hospital, dificultando remaneja-los para uma outra função sem qualificação adequada para a área.

O entrevistado fez questão de ressaltar a importância do apoio da universidade nessas atividades, através da assistência de uma extensão. Pois, faz parte do tripé da UFPB: ensino, pesquisa e extensão.

As parcerias são necessárias por que todos saem ganhando e acima de tudo, formam caráter, profissões, profissionais e pesquisadores. As instituições de ensino só têm a crescer com as trocas de informações, contribuindo para uma sociedade melhor, com profissionais capacitados a exercerem suas funções.

O bibliotecário além de sua capacitação em organizar, planejar, distribuir, indicar e recomendar, ele é um observador, entrevistador, analista e principalmente se ele tiver especialização, esse profissional está competente a atuar nesse processo como afirma Ratton, (1975, p. 211) “Entre os profissionais indicados para comporem a equipe interdisciplinar encarregada da biblioterapia, encontra-se os bibliotecários [...]”

Através de seu conhecimento limitado no que diz respeito a biblioterapia, o entrevistado, acredita que pela formação do bibliotecário ele vem contribuir nas escolhas de livros, no auxílio a cura dos pacientes.

A biblioterapia vem desde os tempos remotos, principalmente na guerra mundial, onde os soldados feridos eram levados para os alojamentos, para recuperação e uma das maneiras de cura era os livros. Apesar que através de pesquisas a biblioterapia vem de desenvolvendo e encontrando outras maneiras de aliviar as dores, angústia, medos, frustrações, ocupar o tempo ocioso, a biblioterapia está passando por uma renovação onde o maior beneficiário são os pacientes que necessitam de outros tipos de tratamento onde na maioria das vezes a medicação não pode alcançar. São exemplos de terapias, os palhaços da alegria, onde com seu modo de extrair sorrisos dos pacientes proporcionando-lhes momentos de prazer e felicidade.

Estudos realizados em outros hospitais demonstram que a biblioterapia ajuda na cura do paciente, favorecendo uma diminuição do tempo de internação, dando ao

paciente qualidade de vida e de conhecimento.

Tendo ciência que a biblioterapia traz uma minimização do sofrimento, trabalhando no paciente seus medos, ansiedade, frustrações. A pergunta exposta está relacionada no conhecimento as técnicas/terapêuticas utilizadas na biblioterapia e obteve respostas com experiências vivenciadas fora do Brasil, nos hospitais públicos e universitários, tanto em Paris quanto na França. O mais surpreendente foi saber pelo entrevistado que sua primeira experiência com a biblioterapia se deu na França, fora do nosso Brasil. Em seu relato os profissionais franceses utilizavam além do livro, artesanato, pintura, dentre outras artes que o mesmo acredita estar relacionado com a terapia ou tem esse intuito terapêutico.

PERGUNTA	Que tipos de atividades biblioterapêuticas podem ser utilizados com os pacientes?
<p>Exatamente, ou seja, essas atividades para conhecimento meu hoje, tô sabendo exatamente por vocês, então incluem todas as artes. Lá (Paris) toda arte cênica, toda pintura, outras atividades manuais, por exemplo: a jardinagem é utilizada lá. Terapia ocupacional nós temos, ou seja, toda essa terapia ocupacional que poderia ser desenvolvida nesses hospitais era feita. Como exemplos essas atividades que coloquei a própria biblioterapia, artes cênicas, pintura, jardinagem, todas eu sei que eram utilizadas pelo conhecimento de visita ao hospital da França.</p>	

Outro exemplo, esse exemplificado pelo entrevistado, são os cultivos de uvas, tradição do interior da França. Essa terapia trazia um pouco da vida dos pacientes agricultores, uma forma de tratamento no período de internação. Só de ser retirado do seio da família, dos amigos, o paciente tem tendência a ficar deprimido, tendo terapias como estas, o paciente tem grandes chances de se restabelecer com maior rapidez.

<p>Eu cheguei a ver em um dos hospitais até parreiras, cultivo de uvas. São exatamente a tradição da uva para terapia de pessoas do interior da França que estavam em Paris e havia um parreiral, ou seja, tinha um jardim imenso e atividade até do pessoal no cultivo de uva você vê que interessante.</p>	
--	--

Em outro momento o entrevistado contou sobre outra experiência para agricultores que também conheceu na França.

PERGUNTA	Diante de sua vivência quais os resultados que essas atividades proporcionariam?
-----------------	---

<p>A experiência europeia que eu vi fantástica. Os resultados fantásticos no sentido de que ajudavam bastante na recuperação dos pacientes. Muitos desses pacientes sem família com situações psicológicas alteradas que interferiam diretamente na patologia desses pacientes e que através dessas terapias dava estabilidade necessária por uma cura mais rápida, mais eficiente.</p>	

E um dos fatores mais importante para o paciente é sentir-se acolhido, pois, são histórias diferentes, situações de vidas diferentes. E todos esses pacientes tem que ser tratado por igual. E a biblioterapia na rede SUS, nos hospitais públicos, conveniados com o SUS tem esse desafio de acolher, alimentar, tratar, transportar, curar e inserir o indivíduo novamente a sociedade. Sabemos como é a situação do SUS em nosso país, da carência que é o serviço nas instituições hospitalares. Mais devemos utilizar o que temos da melhor maneira, e a melhor opção hoje é fazer com que o paciente se sinta acolhido, e a biblioterapia pode trazer essa sensação de acolhimento e cuidado. A arte do “cuidar”.

<p>Eu te digo mais. Eu vejo a biblioterapia como uma forma que hoje na rede SUS, nos hospitais SUS, um dos pontos mais importantes que tem para o paciente é o chamado acolhimento, ou seja, como acolher este paciente. Temos que contextualizar, que esse paciente tem várias carências, a carência emocional, a carência de infraestrutura, ou seja, de esgoto, moradia, transporte, desse paciente SUS. Nós atendemos o paciente até na questão alimentar. Então, é um paciente carente em vários contextos no nosso país. Nós sabemos a realidade, então quanto melhor acolhe-lo, melhor para todos nós. Não resta dúvida que, além disso, a biblioterapia é uma forma de acolhimento, é uma maneira de acolher melhor, então não resta dúvida que a gente mais do que nunca está tentando utilizar a política do SUS. Uma política de acolhimento, ainda reforça todo esse processo de SUS que é nossa realidade como hospital público.</p>

Na última pergunta direcionada ao entrevistado, foi-lhe perguntado como é que ele enxerga a ampliação da biblioterapia no ambiente hospitalar. Sabe-se que as experiências que tem de hospitais é que a biblioterapia ainda é um surgimento para algumas universidades, que, no decorrer do tempo, tende a crescer.

Apesar do Sr. Ângelo Melo não ter conhecimento do Projeto de Lei n. 4186, de 11 de julho de 2012, apesar de já se passar quatro anos, de ter entrado e saído de pauta se mostrou interessado e aberto para novas pesquisas, novos desafios, foi realista ao reconhecer que o Hospital Universitário Lauro Wanderley, ainda não dispõe do uso da biblioterapia, mas em contrapartida, falou da brinquedoteca que existe na ala infantil do hospital. “Que não deixa de ser uma terapia, completou”. No

momento está passando por uma reforma, será ampliada para melhor acomodação das crianças hospitalizadas, além de brinquedos já existentes, foi indicada a inclusão de livros, que também é uma atividade de brincar. Aprende-se brincando, e brincando se esquece da dor, ao menos por alguns momentos.

PERGUNTA	Como você vê a implantação da biblioterapia no ambiente hospitalar?
<p>Sim, sim sem dúvida, não resta dúvida, a gente já tem alguns projetos aqui de terapias, por exemplo: a brinquedoteca, que é uma terapia. E tem uma equipe do hospital na pediatria que já desenvolve esse tipo de atividade, temos uma estrutura pronta que por sinal está em reforma, fica no terceiro andar do hospital que a pediatria vai para lá. É um espaço específico para a brinquedoteca, ou seja, onde essas crianças já têm esse tipo de atividade.</p>	

As histórias terapêuticas permitem que a criança assuma um novo modo de ver a situação, de conhecê-la ou de se relacionar com alguém ou alguma coisa em sua vida. (SUNDERLAND, 2005 citado por CALDIN, 2010, p. 121).

A proposta em inserir o livro na brinquedoteca do HU-UFPB foi bem aceita e segundo o entrevistado, será direcionada para a Enfermeira que gerencia o ambiente infantil.

Em suas considerações finais, falou da missão do hospital em formar profissionais, principalmente os voltados para a área da saúde, mas, mostrou que as outras áreas que compõe o hospital são de grande importância para o desenvolvimento, exemplificou relatando que a Saúde e a educação andam juntas.

<p>Eu não conhecia, sinceramente eu não conhecia. Mas é como eu te disse, eu acho assim que a grande vantagem quando se fala de um hospital universitário a gente tem algumas missões. A gente é um hospital de assistência como qualquer hospital público e temos outra grande missão que é formar profissionais, principalmente profissionais na área da saúde, mais tem outros profissionais aqui. Temos pessoal da engenharia, arquivologia, biblioteconomia, do pessoal que está aqui, ele vem fazer estágio aqui. Estão aqui conosco em várias profissões fazendo seus estágios temos suas atividades dentro do hospital. Então o hospital universitário ele trabalha em dois grandes campos: educação e saúde. Os dois principais do nosso país que é muito complicado às vezes administrar um hospital com esse porte com esse tipo de realidade. Mais ao mesmo tempo a gente tem uma vantagem que sempre ter o suporte, ter o apoio e ter do nosso lado as universidades que é exatamente os cursos que pode desenvolver aqui dentro este tipo de projeto essa realidade que talvez para outros hospitais a dificuldade é muito maior, mais para a gente é muito mais fácil. E aí a gente puxando para o nosso lado outra grande vantagem que a administração do hospital praticamente são professores, então, nós entendemos superintendente ao professor, eu sou professor, Alberto já foi funcionário servidor da universidade a gerente de assistência é uma professora. Então quer dizer a gente termina com a visão sendo mais aberta para isso. A gente sabendo da importância que é um livro que é estas terapias, que é essa realidade. Estamos de braços aberto, vamos começar a discutir esse projeto. E no determinado momento quando vocês acharem necessário tiver alguma coisa pronta eu apresento as pessoas da brinquedoteca, certo? Já vou conversar com elas dizer que tem essa possibilidade desse apoio através de um projeto de extensão, e eu tenho certeza que eles vão abraçar também nessa realidade.</p>
--

Em suma, a proposta foi bem acolhida, a recepção do entrevistado foi bastante satisfatória, de atenção extraordinária e de visão muito abrangente. Suas respostas deram o suporte para as lacunas da pesquisa e do trabalho de conclusão de curso.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso da biblioterapia como processo terapêutico vem desde a antiguidade. Estudos comprovaram a eficácia desse tratamento para o alívio das dores, diminuição de estresse, depressão, angústia e transtornos comportamentais produzidos pelo dia-a-dia ou pela doença caracterizada. Comprovada através de estudos que a biblioterapia auxilia na diminuição do estresse, medo, agônias, transtorno mental e comportamental. Utiliza vários recursos como forma terapêutica a fim de ajudar o indivíduo em sua recuperação. A leitura é um dos procedimentos, tendo um poder transformador na vida do leitor. Por meio dos livros tem havido experiências exitosas nos hospitais universitários como terapia.

O Projeto de Lei que dispõe sobre o uso da biblioterapia em hospitais públicos, conveniados, contratados e cadastrados no SUS pode ter eficácia visível, razão porque está de parabéns o deputado que o construiu. Apesar disso, o Projeto de Lei ainda em tramitação na Câmara dos Deputados merece ser melhor explicitado no que concerne à seleção dos livros que serão utilizados como instrumentos terapêuticos e ainda sobre eles serem vendidos em farmácias e drogarias, incluindo-se lógico as próprias livrarias. Talvez esse seja o impasse para o retorno da pauta na Câmara para julgamento. Pois, apesar do tempo de sua apreciação não significa que perdeu a validade. Ele necessita ser aprovado, porquanto continua em tramitação. A base das experiências são pesquisas realizadas nos hospitais de Porto Alegre e Joinville que por meio da utilização da técnica da biblioterapia tiveram um resultado de melhoria em 80% dos pacientes.

Arte ou ciência ainda é um lema bastante discutido por pesquisadores, e que ainda está longe de se chegar a uma única resposta. Porém, uma coisa é certa: a biblioterapia traz benefícios para a sociedade, comprovado por pesquisadores, profissionais que atuam na área, pois, existem relatórios feitos com pacientes que se utiliza desse processo como tratamento. Infelizmente não é tão difundida por bibliotecários, por ser pouco conhecida por esta categoria.

Com a pesquisa para desenvolver este trabalho percebe-se que a atuação da biblioterapia na UFPB apenas está iniciando, o que torna a sua prática uma necessidade em virtude do caminho a ser trilhado.

É ela uma área que precisa ter estudos mais aprofundados e comprovados pela própria instituição que a abraça. Devem-se ter suas próprias experiências

dentro da instituição, vivencia-las e descrevê-la em publicações de artigos como tem sido com muitos pesquisadores da casa (UFPB), porém, falta o curso de biblioteconomia assumir esse desafio e fazer da biblioterapia uma disciplina curricular do curso.

Existem vários estudantes que estão se graduando que não sabe o que seja a biblioterapia e muito menos que é um campo profissional do bibliotecário. Como cita Nunes (2004) na área de Biblioteconomia e mais especificamente na área de biblioterapia, podemos verificar através do levantamento de dados que a mesma vem enfrentando grandes obstáculos na especialização do profissional da informação que deseja desenvolver esta atividade, pois a formação oferecida pelos cursos de graduação não atende plenamente a capacitação necessária para que o bibliotecário torne-se uma equipe multidisciplinar.

Deve-se estimular que os estudantes acompanhados pelos professores atuem em projetos que possam ser desenvolvidos no hospital universitário da instituição, uma vez que o gerente da GEP demonstrou interesse em ter no hospital a biblioterapia como um componente no auxílio da recuperação do paciente e por outro lado uma oportunidade para o aluno praticar o conhecimento aprendido em sala de aula.

A biblioterapia, por mais antiga que seja em seus métodos de utilização, sua aplicação sempre será atual, pois, há muitos indivíduos na nossa sociedade que passa por algum tipo de transtorno. Nunca houve uma época com tantas pessoas com depressão, estressados, ou com qualquer outro tipo de doença considerada da alma.

Muitos estudos surgiram para o melhor desenvolvimento da biblioterapia, assim como haverá um crescimento significativo com a atuação dos bibliotecários nesta função. É preciso querer, ir em busca para se poder alcançar os objetivos desejados. O desenvolvimento da biblioterapia é de grande relevância para a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. O. R. G. F. de - **A utilização da biblioterapia em contexto de biblioteca escolar no apoio a crianças com perturbações físicas e emocionais: criação de um modelo aplicacional.** [Em linha] Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2012. 210f. Dissertação de Mestrado. Disponível em: http://recil.grupolusofona.pt/bitstream/handle/10437/3808/Disserta%C3%A7%C3%A3o_final_mestrado_1_pdf.pdf?sequence=1. Acesso em 05 ago. 2016.
- ALVES, M. H. H. **A aplicação da biblioterapia no processo de reintegração social.** Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, v. 15, n. 1/2, p. 54-61, jan./jun. 1982.
- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura.** São Paulo: Ática, 1987.
- BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. _____ **Projeto de lei n. 4.186, 11 de julho de 2012.** Dispõe sobre o uso da biblioterapia nos hospitais públicos, contratados, conveniados e cadastrados do Sistema Único de Saúde – SUS. Diário da Câmara dos Deputados. Brasília, DF, 12 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/1018917.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2016.
- CALDIN, C. F. A Leitura como função terapêutica: Biblioterapia. **Enc. Bibli:** R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, v.6, n.12, p.32-44, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2001v6n12p32/5200>> acesso em: 29 jul. 2016.
- _____. Biblioterapia para crianças internadas no Hospital Universitário da UFSC: uma experiência. **Encontros Bibli:** Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. 14, out. 2002. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2002v7n14p38>>. Acesso em: 30 jul. 2016
- _____. Biblioterapia: atividades de leitura desenvolvidas por acadêmicos do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal de Santa Catarina. **Biblios:** Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n.6, p. 13-25, n. 21/22, Ene/ago. 2005. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/6727/1/2005_03.pdf>. Acesso em: 11 ago. 2016.
- _____. **Leitura e terapia.** Florianópolis. 2009. 216 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/92575>>. Acesso em: 12 out. 2016.
- _____. **Biblioterapia:** um cuidado com o ser. São Paulo: Porto de Idéias, 2010. 199 p.
- CERRUTO, E. **Dançaterapia:** Como?. Centro de Formação Internacional em Dançaterapia – DMT. 2005. Disponível em: <<http://www.dancaterapiadmt.com.br/artigos/Dan%E7aterapia%20como!!!.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2016.

FARIAS, J. N. de. **Eventos estressantes da hospitalização**. Florianópolis, 1981. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Federal de Santa Catarina.

FERREIRA, F.B. **A biblioterapia como instrumento de responsabilidade social do profissional bibliotecário**: visão de alunos pré-concluintes. 2015. 87f. Monografia (Graduação em biblioteconomia) – UFPB, João Pessoa, 2015.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Editora Atlas, 2002.

GUEDES, M. G. **A biblioterapia na realidade bibliotecária no Brasil: a mediação da informação**. 2013. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em:
<<http://repositorio.unb.br/handle/10482/13659>>. 11 ago. 2016.

GUIMARÃES, Tomas de Aquino. **A nova administração pública e a abordagem da competência**. Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro, v. 34, n. 3, maio/jun. 2000.

HASSE, M. **Biblioterapia como texto**: análise interpretativa do processo biblioterapêutico. [Em linha]. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2004. Dissertação de mestrado. Disponível em:<http://tede.utp.br:8080/jspui/handle/tede/258>. Acessado em 13 set. 2016

HATEM, T. P. **Efeito terapêutico da música em crianças em pós-operatório de cirurgia cardíaca**. 2005. 68f. Dissertação (Mestrado em saúde da criança e do adolescente) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2005. Artigo de Revisão. Disponível em:
<<http://departamentos.cardiol.br/sbcdcp/publicacoes/thaminehatem.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2016.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Metodologia do trabalho científico**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5 ed. São Paulo, Atlas, 2003.

LEITE, A. C. O. Biblioteconomia e Biblioterapia: Possibilidades de Atuação. **Rev. de Educação**. v. 12, n. 4, 2009.

LUCAS, E. R. O; CALDIN, C. F.; SILVA, P. V. P. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectiva em Ciências da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 398-415, set./dez. 2006. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/pci/v11n3/a08v11n3.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2016.

MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 93 p. (Coleção primeiros passos, 74).

OLIVEIRA, M. F. de. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em Administração / Maxwell Ferreira de Oliveira. -- Catalão: UFG, 2011. 72 p.: il. Manual (pós-graduação) – Universidade Federal de Goiás, 2011. Bibliografia.

ORSINI, M. S. O uso da literatura para fins terapêuticos: Biblioterapia. **Comunicações e Artes**, São Paulo, v.11, p. 139-149, 1982.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. Tradução: Nicolás Niyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 1996.

PEREIRA, M. M. G. **Biblioterapia**: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas. João pessoa: UFPB, 1996.

PINTO, Virgínia B. - **A Biblioterapia como campo de atuação para o bibliotecário**. Transinformação, Campinas [Em linha] 17:1 (jan./abr. 2005) 31-43. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-37862005000100003 Acessado em: 07 nov. 2016.

RATTON, A. M. L. Biblioterapia. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 4, n. 2, p. 198-214, 1975. Disponível em:<<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/reb/>>. Acesso em: 06 out. 2016.

RIBEIRO G. **Biblioterapia**: Uma proposta para adolescentes internados em enfermarias de hospitais públicos. Rev Dig de Biblioteconomia e Ciência da Informação [on-line]. 2006 jan/jun. Disponível em:<<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/2048>> Acessado em 15 nov. 2016.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. rev. e ampl. 3. reimpr. Santos: Atlas, 2011. 334 p.

ROSA, A. L. R. **As cartas de Ana Cristina César**: uma contribuição para a biblioterapia. 2006. 84 p. Dissertação (Mestrado em Letras, área de concentração Linguagem, Cultura e Discurso)-Universidade do Vale do Rio Verde – UNINCOR, Três Corações, 2006.

SEITZ, E. M. **Biblioterapia** : Uma Experiência Com Pacientes Internados Em Clínica Médica. Florianópolis: UFSC,2000. 95f. (Mestrado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/78289/175141.pdf?sequence=1> >. Acesso em: 22 set. 2016.

SEITZ, E. M. **Biblioterapia**. Florianópolis: Habitus, 2006a. 98 p.

SEITZ, E. M. **A Biblioterapia na humanização da assistência hospitalar do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina** – HU/UFSC. ETD – Educação Temática Digital, Campinas [Em linha] 9:2 (jun. 2008) 145-169. Disponível em <http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/824>> Acessado em 30 set. 2016.

SILVA, W. P.; PINHEIRO, E.G. **A face oculta da biblioterapia na biblioteca universitária**: os ditos e os não ditos dos bibliotecários da Biblioteca Central da UFPB. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 15., 2008. Anais eletrônicos... São Paulo: CRUESP, 2008. Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/3497.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2016.